

Relatório de Estágio na Booktailors – Consultores Editoriais

Catarina Aboim de Barros Sabino

Relatório de Estágio de Mestrado em Edição de Texto

Março 2017

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto realizado sob a orientação científica
do Professor Doutor Rui Zink.

Aos meus pais

Agradecimentos

Aos meus pais, em primeiro lugar, onde sempre me puseram.

Ao Professor Rui Zink.

Ao Paulo Ferreira, pela oportunidade, pelo desafio e pela ajuda.

A toda a equipa Booktailors.

À Andrea, ao João, à Juliana e à Leonor, que tornaram tudo mais divertido.

À minha família e aos meus amigos, pelo carinho e pela confiança.

Ao Simão. Por todos os nossos pequenos grandes planos.

RESUMO

O presente relatório procura descrever as actividades realizadas durante o estágio curricular necessário à conclusão do Mestrado em Edição de Texto, na Booktailors – Consultores Editoriais, entre Outubro de 2016 e Fevereiro de 2017. Nos primeiros dois capítulos, apresento a empresa, os seus valores orientadores e principais feitos, e o Bookcamp, o programa de estágios que integrei. No terceiro capítulo, descrevo o exercício hipotético de criação de uma editora e, no quarto capítulo, relato as tarefas realizadas na empresa, especificamente nas áreas de agenciamento literário e organização de eventos literários. Na conclusão, procuro reflectir sobre o estágio e a sua articulação com a vertente curricular do mestrado.

PALAVRAS-CHAVE: estágio curricular, Booktailors, Edição de Texto, agenciamento literário, eventos literários.

ABSTRACT

This report aims to describe the activities undertaken during the internship required to the conclusion of the Master's degree in Editing and Publishing. The internship was carried out at Booktailors – Consultores Editoriais from October 2016 to February 2017. In the first two chapters I present the company, its core values and main achievements, as well as Bookcamp, the internship program I was a part of. In the third chapter, I describe the hypothetical exercise of establishing a publishing house and in the fourth chapter, I detail the tasks I performed at Booktailors, mainly in the fields of literary agency and literary event planning. As a conclusion, I reflect about the internship and its connection with the academic component of the Master's program.

KEYWORDS: internship, Booktailors, book publishing, literary agency, literary events.

Índice

1. Booktailors: apresentação da empresa	1
2. Bookcamp	5
3. Projecto de concepção de uma editora	8
a. Conceito, leitor-tipo e nome	8
b. Catálogo e calendarização	9
c. Gestão de projecto e orçamentação	13
d. Acções de comunicação	15
4. Tarefas realizadas durante o estágio.....	18
a. Integração no funcionamento da empresa	18
b. Preenchimento de fichas de produto	18
c. Preenchimento de bases de dados	19
d. Gestão da agenda e <i>e-mail</i> de autores	20
e. Acompanhamento na produção de festivais	22
f. Preparação de exposições	24
Conclusão	25
Bibliografia	28
Anexos.....	30

1. Booktailors: apresentação da empresa

Paulo Ferreira e Nuno Seabra Lopes começaram a trabalhar a marca Booktailors em 2006, introduzindo no mercado editorial uma categoria inédita até então: consultoria editorial. Constituída oficialmente no ano seguinte, a Booktailors veio preencher um nicho de mercado, posicionando-se não como editora, mas trabalhando os seus recursos internos para prestar às editoras portuguesas serviços que abrangem diferentes etapas da cadeia de valor da edição¹:

- Consultoria editorial: *scouting* e prospecção, elaboração de estudos de mercado, definição de catálogo e negociação de direitos;
- Consultoria de *marketing* e comunicação: definição e execução de planos de *marketing* e comunicação;
- Consultoria de gestão e administração: reformulação de ferramentas e métodos de trabalho internos;
- Serviços editoriais de base: edição, tradução, revisão e paginação;
- *Branding*: desenho de identidade gráfica ou de espaços.

Apresentando-se com uma imagem gráfica cativante, a Booktailors posicionou-se como “a primeira agência global de consultoria editorial”², oferecendo um serviço personalizado na área do livro, feito à medida, de acordo com as necessidades do cliente. Entre os projectos levado a cabo pela Booktailors nesta área, podem destacar-se o relançamento da Quetzal em 2008 (que envolveu consultoria de *marketing* e comunicação, mudança da identidade gráfica e posicionamento, bem como a definição do catálogo) ou a criação do grupo 20|20 que conta actualmente com cinco chancelas, a mais recente das quais – Elsinore, lançada em 2015 – também foi pensada pela Booktailors. O grupo está hoje no *top* editorial português, a par da LeYa, Porto Editora, Grupo BertrandCírculo e Presença.

A empresa distinguiu-se igualmente devido à sua forte presença *online*, através do Blogtailors, cujos conteúdos incluíam, entre outros, novidades do sector editorial,

¹ Cf. ALMEIDA, M. I., “A empresa que os editores desejam”, *Correio da Manhã* (13/11/2009, Lisboa), p. 7.

² MATEUS, C., “Booktailors, inovação no sector empresarial”, *Expresso Emprego* (30/07/2011, Lisboa), p. 8.

divulgação de estudos, entrevistas e artigos de opinião de figuras importantes do mesmo. O *blog* foi uma excelente plataforma para dar a conhecer a visão da empresa e para angariar clientes. Apesar de continuar *online*, o Blogtailors foi substituído por uma *newsletter* semanal.

Entre 2008 e 2012, a Booktailors dinamizou os Prémios *LER/Booktailors*, dedicados ao reconhecimento de profissionais da área, e a *B:MAG*, revista que reuniu artigos de opinião publicados no *blog* e que contou com um número especial em parceria com a Quetzal e dedicado ao Correntes d'Escritas, no qual figuraram artigos de autores da editora, da Booktailors e de personalidades associadas ao festival. Apesar de não procurar ter edições próprias, a Booktailors publicou três títulos que reflectem o seu princípio de investimento e melhoria da área editorial: *A Edição de Livros e a Gestão Estratégica*, de José Afonso Furtado, *Fernando Guedes. O decano dos editores portugueses* e *Carlos da Veiga Ferreira. Os editores não se abatem*. Os dois últimos são entrevistas conduzidas por Sara Figueiredo Costa aos míticos editores, constituindo os únicos títulos da colecção Protagonistas da Edição.

Colmatando uma falha existente no mercado editorial, a Booktailors ofereceu cursos de formação sobre revisão, livro infantil, *marketing* do livro, gestão de projectos editoriais e preparação de originais em ambiente digital, entre outros.

As áreas de actuação da Booktailors são periodicamente pensadas com base na matriz BCG, um instrumento de análise que, baseando-se nos critérios de reconhecimento no mercado e potencial de crescimento, permite classificar as áreas de negócio ao longo do seu ciclo de vida sob 4 designações: “vacas leiteiras” (com alto reconhecimento no mercado e baixo potencial de crescimento, são a base de sustentabilidade da empresa), “estrelas” (alto reconhecimento no mercado e muito potencial de crescimento), “cães” (com baixo reconhecimento no mercado e pouco potencial de crescimento, é uma área que deve ser reformulada ou abandonada) e “crianças difíceis” (pode tornar-se uma “estrela” ou um “cão”).

Durante um período inicial, a par da consultoria, a formação constituía uma das principais fontes de rendimento da empresa. Em virtude da diminuição do poder de compra do público em geral, conducente a uma secundarização na aposta em formação, do contexto de crise do sector editorial, que fez com que as editoras enviassem cada vez menos colaboradores para frequentar os cursos, e da falta de tempo dos formadores, quase todos pertencentes à equipa da Booktailors, a formação passou de “vaca leiteira” a “cão”, estando neste momento na fase de “criança difícil”. A consultoria, que também

ao início era uma “vaca leiteira”, passou a “criança difícil” e, neste momento, depois de algumas alterações, é uma “estrela”.

Em 2010, foi criada a Bookoffice, agência literária para escritores e ilustradores portugueses que, até então, tinham como única opção a representação por agentes estrangeiros; em 2010, o agenciamento era um “cão”, passou a “criança difícil” e é hoje uma “estrela”, tendo ainda um grande potencial de crescimento. Começando com Afonso Cruz, Manuel Margarido e Pedro Vieira, a Bookoffice conta hoje com cerca de 30 agenciados. Na agência, é proporcionado ao autor um acompanhamento a 360 graus: além da negociação de contratos e prospecção com vista a edições noutros territórios, a Bookoffice acompanha os seus autores durante o processo de criação, gere as suas agendas e burocracias e promove o seu trabalho. Como parte fundamental do trabalho de agenciamento, a Booktailors marca presença em feiras do livro internacionais – por exemplo, em Frankfurt, Londres, Bogotá, Gotemburgo ou Guadalajara – assumindo como prioridade a venda de direitos, ao contrário do que sucede com a maioria das editoras nacionais, que privilegiam a compra. Graças a esta estratégia, os autores agenciados pela Bookoffice já viram os seus títulos editados em territórios como Itália, Sérvia, Alemanha, Colômbia, Brasil ou Canadá.

Em 2010, a Booktailors expandiu a sua actividade à organização de eventos literários, área que é actualmente uma “vaca leiteira”, tendo já atingido o seu potencial máximo. Desde a definição do conceito orientador do programa à produção executiva, a Booktailors assegura todo o processo. O primeiro passo no projecto de consolidação de uma rede de festivais literários em Portugal deu-se com a organização do Festival Literário da Madeira, em 2011, ao qual viriam a somar-se, a título de exemplo, Fronteira – Festival Literário de Castelo Branco, Diáspora – Festival Literário de Belmonte, Tinto no Branco – Festival Literário de Viseu, Festa da Poesia e LeV – Literatura em Viagem, cuja produção executiva a Booktailors assumiu em 2013. No mesmo ano, Portugal foi o país convidado da FILBo – Feria Internacional del Libro de Bogotá e a Booktailors teve a seu cargo a produção executiva, arquitectura, *design* e comunicação da presença portuguesa, o que representou um desafio de grande importância para a empresa. Em 2015, durante as Jornadas Profissionais da FILBo, a Booktailors apresentou a Diana del Rey, à data directora da feira, uma proposta para a criação e organização de um salão de direitos que se concretizou em 2016, com consultoria, planeamento e produção da Booktailors. Ainda no âmbito internacional, é importante salientar a parceria com a LAF – Literature Across Frontiers, uma plataforma inserida na Europa Criativa – Fundo

Europeu para a Cultura, com a qual a Booktailors colabora no estabelecimento de uma rede de intercâmbio de escritores em festivais literários, bem como no projecto “New Voices”, uma selecção de novos autores europeus.

A Booktailors divide então a sua actividade em quatro grandes áreas: consultoria editorial, formação, agenciamento literário e organização de eventos literários. A diversificação da oferta de serviços constituiu uma expansão consciente que, embora coincidente com mudanças drásticas no mercado editorial, não foi um efeito directo das mesmas. Ainda que a flexibilidade e a adaptação às exigências do mercado sejam parte da política empresarial da Booktailors, o alargamento do seu âmbito de actuação reflecte dois princípios orientadores da empresa: não fazer depender a receita de uma única actividade e, fundamentalmente, ser uma mais-valia em todos os elos da cadeia de valor da edição.

2. Bookcamp

O meu estágio curricular na Booktailors decorreu entre Novembro de 2016 e Fevereiro de 2017, cumprindo 400 horas sob a orientação de Paulo Ferreira, o director-geral da empresa.

Com dois colegas da minha turma de Mestrado e duas estudantes do Mestrado em Estudos Editoriais da Universidade de Aveiro, integrei o Bookcamp, um programa de estágios cujo objectivo é dar continuidade à formação de estudantes de edição num espaço onde possam errar e prepará-los para o mercado de trabalho num contacto com a realidade do meio editorial marcado pela exigência e responsabilidade; aquando do término do estágio, 80% dos estagiários continuou a trabalhar na Booktailors ou iniciou a sua actividade noutras editoras, através de estágios profissionais. A importância que a formação assume no Bookcamp está patente no horário de trabalho definido para os estagiários. A gestão do período entre as 17h30m e as 19h era da nossa responsabilidade, sendo maioritariamente dedicado à idealização de uma editora, à gestão de projecto e ao esclarecimento de dúvidas, porém também visitámos livrarias e fomos a lançamentos de livros. Para além disso, o período de trabalho presencial decorria entre segunda e quinta-feira, sendo a sexta-feira destinada a trabalho individual de leitura, investigação, reflexão sobre as tarefas desenvolvidas durante a semana e redacção do relatório.

Procurando compensar a escassa bibliografia dedicada à edição e ao mercado português em particular, fomos encorajados a encontrar informação noutras fontes, nomeadamente em notícias sobre o mundo editorial, entrevistas a editores e agentes literários, artigos de opinião ou *posts* em *blogs* de actores da esfera editorial. As notícias, entrevistas e artigos recolhidos serviram para criar um extenso acervo cuja leitura nos permitiu familiarizar com agentes do meio, identificar tendências, opiniões e estratégias editoriais distintas bem como ter uma visão mais alargada do mercado e estar a par da actualidade. Para além da procura, selecção e leitura destas peças, deveríamos estar familiarizados com os catálogos das editoras portuguesas e saber quais os editores responsáveis pelos mesmos.

Este programa traz vantagens à Booktailors, evidentemente. A empresa tem uma política de recursos humanos baseada na continuidade e integração, pelo que o Bookcamp é um meio de encontrar pessoas que se adequem ao perfil da empresa. Nesses casos, é coerente que continue a parceria entre ambas as partes, porém, ainda

que tal não aconteça, Paulo Ferreira considera que os estágios devem ser úteis a ambas as partes: o estagiário recebe formação e inicia a sua actividade profissional num meio exigente, onde tudo acontece rapidamente, porém acrescenta valor à empresa com o seu trabalho.

2016 foi o primeiro ano do Bookcamp pelo que eu e os meus colegas fomos os primeiros estagiários nesta modalidade. Os estagiários que chegarem à Booktailors nos próximos tempos poderão encontrar um programa diferente, talvez mais estruturado, mas, em 2016, o Bookcamp consistiu em três vertentes principais:

- Integração nas três áreas de actividade da empresa;
- Projecto de criação de uma editora;
- *Masterclasses*.

As *masterclasses* foram, na opinião de todos os estagiários, os momentos mais interessantes do estágio, pela oportunidade de conversar com alguém com experiência real no mundo da edição, ouvir o seu percurso, as histórias, pequenas anedotas e a sua visão sobre a profissão. Éramos avisados das visitas com alguma antecedência para que pudessemos preparar algumas perguntas, que foram respondidas com generosidade. Para nos falar de edição, recebemos Clara Capitão, editora e directora-geral da Penguin Random House em Portugal, Eduardo Boavida, editor da Bertrand, e Carlos da Veiga Ferreira, a personificação do editor-leitor. Nuno Quintas, revisor *freelancer* que foi sócio da Booktailors, partilhou connosco o seu conhecimento sobre revisão, tradução e coordenação editorial e Pedro Reisinho, da Zero a Oito, deu-nos uma perspectiva sobre edição infanto-juvenil numa vertente assumidamente comercial. Com Ana Moreira, paginadora e ilustradora agenciada pela Bookoffice, conversámos sobre paginação, Luís Alegre, *designer*, director do *atelier* Ideias com Peso e editor da Stolen Books, ofereceu-nos uma perspectiva interessante sobre *design* e com Duarte Vaz Pinto, aprendemos valiosas noções sobre distribuição e retalho. Não me alongarei neste ponto sobre as conversas que mantivemos com os nossos convidados, mas far-lhes-ei referência quando pertinente.

A par das *masterclasses*, o projecto de criação de uma editora era parte de um tronco comum do Bookcamp, no qual trabalhámos em conjunto. Segundo Paulo Ferreira, o desafio de pensar numa hipotética editora foi o modo de nos ensinar o máximo possível acerca da realidade prática da edição no curtíssimo espaço de tempo

durante o qual decorreu o estágio. Ao trabalhar em equipa, partilhámos opiniões e ideias, ajudando-nos mutuamente.

Finalmente, o trabalho realizado individualmente nas três áreas de actuação da Booktailors e que logicamente ocupou a maior parte do tempo do estágio foi direccionado para a área na qual Paulo Ferreira e a equipa consideraram que acrescentaríamos mais valor, mas também tendo em conta a nossa preferência. Ainda que tenhamos partilhado algumas tarefas, cada estagiário pôde assim traçar o seu percurso na Booktailors de acordo com as suas competências. O trabalho que desenvolvi na empresa enquadrou-se na área de produção de eventos e no agenciamento, especificamente na gestão da agenda dos autores. Esta escolha foi motivada pela natureza prática e variada das tarefas associadas à produção de eventos (que detalharei posteriormente), dando-me oportunidade de trabalhar em equipa e a capacidade de relação interpessoal.

3. Projecto de concepção de uma editora

No primeiro dia de estágio foi-nos lançado o desafio de trabalhar em conjunto para pensar a criação de uma hipotética editora, planeando todas as fases necessárias à sua actividade. O propósito do exercício era a compreensão dos processos inerentes à edição e os desafios que as editoras enfrentam no exercício da sua actividade e que podem ser de ordem financeira, logística ou de mercado. Foi mais do que um exercício de imaginação quanto aos títulos a editar e o *design* das colecções; foi antes de mais um exercício de confronto com a realidade prática da edição, com os custos e dificuldades que lhe estão associados. Ainda que a nossa editora fosse apenas um exercício teórico, o mercado no qual a pensámos é real e foi nas condicionantes do mesmo que pensámos. Partimos do pressuposto teórico que nenhum dos livros que integravam o nosso catálogo fora publicado anteriormente, da exigência de publicar um número mínimo de 40 livros durante o primeiro ano e da sugestão para trabalhar títulos de autores agenciados pela Bookoffice, capitalizando o nosso conhecimento a partir das leituras realizadas durante o estágio. Com estas directrizes, lançámo-nos então a criar a editora e a programar o seu primeiro ano de actividade.

a. Conceito, leitor-tipo e nome

Uma editora pode ser criada a partir de um conceito que orienta a escolha do catálogo, a sua imagem e comunicação. No caso da editora que pensámos no âmbito do Bookcamp, a escolha do catálogo antecedeu o conceito e o nome da editora, tendo influência directa nos mesmos. Analisando o catálogo da Bookoffice, foi unânime a decisão de publicar livros que se poderiam agrupar sob a classificação de ficção literária.

Durante a *masterclass*, Nuno Quintas salientou a importância de eleger um leitor-tipo, decisão muito importante e próxima da definição do conceito. O leitor-tipo é a quem se dirige a nossa comunicação, é quem queremos que conheça o nosso trabalho e finalmente, que compre e leia os livros que editamos. Será seguro afirmar que a maioria das decisões editoriais é tomada a pensar no leitor-tipo. A partir da escolha preliminar de alguns títulos, ficou definido que publicaríamos ficção literária tendo em mente um jovem de cerca de 30 anos, um leitor algo ambicioso, residente em zonas urbanas e utilizador de redes sociais, faltando-nos definir o conceito.

Encontrámos e moldámos o conceito que serviu de base à nossa editora a partir do fio condutor que unia a maioria dos livros até então seleccionados. Para além da singularidade da voz autoral, o que encontrámos nos títulos seleccionados foi a atenção a um microcosmo da sociedade, passível de ser parcelada, ampliada e retratada sob a perspectiva única de cada autor. Partindo dessa ideia, a editora passou a chamar-se Conta-fios. Um conta-fios é uma lupa utilizada em trabalhos de *design* que decompõe a cor em pequenos pontos. Este objecto encapsula o que pretendíamos para a nossa editora: por um lado, a decomposição da realidade em pequenas parcelas, expondo os fios que a entrelaçam com a perspectiva intransmissível que cada um dos nossos autores expõe nos seus romances e por outro, um cuidado com a linguagem e atenção ao pormenor no trabalho com os textos que queríamos como parte da identidade da editora.

b. Catálogo e calendarização

Carlos da Veiga Ferreira foi um dos editores que tivemos o prazer de ouvir numa *masterclass*. O editor da Teodolito e anteriormente da Teorema é a imagem viva do editor-leitor, o editor cujas leituras pessoais se reflectem fortemente no seu catálogo. Admirado justamente pelo catálogo que construiu na Teorema, marcado pela elevada qualidade literária, Carlos da Veiga Ferreira personifica talvez uma certa ideia romântica do editor que é, antes de mais, um leitor.

Também Clara Capitão considera que ler muito e muitas coisas diferentes é condição necessária para ser editor. Depois de traçar brevemente o seu percurso profissional, a editora da Penguin Random House em Portugal partilhou connosco os princípios que orientam a sua actividade e que considera serem indispensáveis aos editores do século XXI: priorizar o autor, respeitando no entanto todos os actores do processo; cultivar uma certa inquietude e vontade de arriscar, não recorrendo sempre a fórmulas seguras; prestar atenção à actualidade social, política e cultural, à qual o mundo dos livros é altamente permeável; ter um critério e saber recusar o que não tem qualidade ou não se encaixa no perfil da editora; finalmente, o editor deve ter convicção na qualidade do livro que quer editar, convicção na sua integração na chancela à qual pertencerá e convicção na estratégia de comunicação. Nos grandes grupos editoriais, antes de ser vendido ao público, o livro deve convencer a equipa editorial e a equipa financeira, numa decisão colectiva que ultrapassa o gosto pessoal do editor.

Clara Capitão e Carlos da Veiga Ferreira trabalham em condições opostas. O lendário editor construiu um impressionante catálogo literário de 800 títulos na Teorema, à altura uma editora independente. Actualmente, é editor da Teodolito, chancela da Afrontamento, na qual tem total liberdade para publicar como sempre fez: guiando-se pelas suas leituras. Clara Capitão, por outro lado, lidera chancelas de diferentes âmbitos inseridas num grupo editorial internacional, no qual a editora portuguesa é o “patinho feio”, devido às dimensões reduzidas do mercado onde se encontra, em comparação com as oportunidades por explorar nos mercados anglo-saxónico ou latino-americano. Cada livro que a sua equipa decide publicar deve ser justificado por números vantajosos e apoiado por uma estratégia de *marketing* e comunicação.

O editor independente para quem as leituras pessoais e o catálogo estão em estreita ligação e o editor que responde perante uma administração para a qual o lucro é um factor decisivo, resultando o seu trabalho apenas em livros comerciais com pouco valor editorial, parecem ser dois modelos incompatíveis. A minha proposta é que, embora trabalhando sob condições muito diferentes, os dois modos de encarar a profissão aproximam-se no seu fim: o leitor.

A desvalorização de catálogos de editoras pertencentes a grandes grupos editoriais como sendo muito comerciais, direccionadas para o leitor comum ou para um público de não-leitores, parte de uma ideia segundo a qual o papel do editor é prescrever leituras, publicando os livros que considera terem elevado valor intelectual; os editores que decidem preterir o valor literário em virtude do valor comercial estão, segundo esta ideia, a desempenhar mal o seu papel.

Há que distinguir alguns conceitos, se se quiser desfazer esta ideia: em primeiro lugar, há que distinguir entre qualidade literária e qualidade editorial. Considero como qualidade literária o valor intelectual do conteúdo que é, em última análise, da responsabilidade do autor; por outro lado, a qualidade editorial é relativa ao trabalho feito em volta do texto e que engloba tradução, revisão, paginação, *design*, impressão e *marketing*, ou seja, consiste em trabalhar o livro e o texto de acordo atendendo às suas características específicas, pensando na sua adequação ao público-alvo, ao leitor-tipo. Entra em jogo ainda o valor comercial do livro, que entendo aqui como um factor quantitativo: quanto maior o número de exemplares vendidos, maior o valor comercial do livro.

A ideia pré-concebida de que falo anteriormente – os bons editores publicam

livros com elevada qualidade literária e os maus editores publicam livros com baixa qualidade literária ou editorial, privilegiando o valor comercial do livro – assenta em dois pressupostos, sendo o primeiro que a qualidade literária implica qualidade editorial, daí que os que prefiram a primeira sejam bons editores. Será desejável que um livro associe qualidade literária e qualidade editorial, mas a sua relação não é de necessidade. Um livro pode ter qualidade literária sem ter qualidade editorial – pode ser um excelente texto, porém mal revisto e acompanhado de más escolhas gráficas – ou pode ter excelente qualidade editorial sem que esta seja acompanhada de qualidade literária – o livro pode ser um objecto bem pensado, desenhado e comunicado e ser apenas um embrulho oco.

O segundo pressuposto é que o valor comercial do livro e a sua qualidade literária são mutuamente exclusivos; não o são. Um livro com elevada qualidade – literária, editorial ou ambas – pode vender muito e ainda assim ter alto valor comercial; este último não é indicador da ausência de qualquer um dos outros dois factores.

O editor ideal será talvez o que consiga compatibilizar qualidade literária, qualidade editorial e valor comercial no maior número de livros possível, mas na improbabilidade de o fazer regularmente, creio que o trabalho do editor deve pautar-se preferencialmente pela procura da qualidade editorial. Trabalhando como editor independente ou sob a direcção de um grande grupo editorial, um bom editor é aquele que define e reconhece o seu público-alvo, elegendo livros que vão ao seu encontro e tomando decisões baseadas na procura pela adequação entre o livro e o seu leitor. Preterindo o critério comercial para dividir os editores em bons e maus, proponho que se pense o trabalho do editor sob o critério da qualidade editorial: é nesta perspectiva que se aproximam Carlos da Veiga Ferreira e Clara Capitão, matizando as diferenças de dois arquétipos de editor que parecem pertencer a eras diferentes, a dois modos opostos de encarar a profissão.

O leitor tem total liberdade: pode preferir de forma constante um determinado género ou pode ser omnívoro, conciliando em si vários leitores-tipo. Creio que o papel do editor é oferecer aos seus leitores livros com a melhor qualidade editorial de que são capazes, ainda que a esta não se associe necessariamente qualidade literária. Carlos da Veiga Ferreira edita para um público literariamente educado e ambicioso com o qual se identifica e Clara Capitão publica para uma pluralidade de públicos-alvo que corresponde à multiplicidade de chancelas pelas quais é responsável. O que aproxima os dois modos de editar é a atenção que dedicam ao leitor: podem não coincidir na

descrição desse leitor-tipo, mas coincidem na convicção em trazer o melhor livro possível para o leitor que têm em mente.

Pretendia-se que idealizar uma editora fosse um exercício próximo da realidade e, nesse sentido, a construção do catálogo da Conta-fios baseou-se na convicção e na justificação da adequação do livro ao conceito e ao conjunto de títulos até então definidos. O critério básico para que qualquer livro viesse a fazer parte do mesmo era a sua leitura por parte de um membro da equipa, no mínimo. Quem propunha um livro deveria apresentá-lo brevemente aos restantes membros da equipa, resumindo o enredo e justificando a sua escolha.

Tendo em mente o nosso leitor-tipo, jovem e utente de transportes públicos, idealizámos uma colecção pensada para a leitura nesses mesmos transportes. Composta por livros de contos ou romances breves, os capítulos teriam dimensões reduzidas, facilitando o seu transporte. Surgiram várias questões: qual o número máximo de páginas para que os livros pudessem ser incluídos na colecção? Onde incluir títulos com um número reduzido de páginas, mas cuja leitura não julgávamos suficientemente leve para ler entre estações de metro? Por considerarmos que, à semelhança de uma editora, uma colecção deve ser animada por um conceito e actividade consistentes para a qual não tínhamos conteúdos suficientes, abandonámos esta ideia.

Sob o risco de saturar a imagem dos autores, decidimos publicar apenas um título de cada autor no primeiro ano de actividade. Em consequência dessa decisão e para atingir o objectivo de editar 40 livros, alargámos o nosso âmbito à literatura infantil (de autores portugueses) e à ficção literária estrangeira. O critério orientador para a literatura estrangeira seria o mesmo que presidia à escolha de títulos lusófonos, porém na literatura infantil procurámos juntar livros sob o tema da família, o primeiro contacto da criança com o mundo que a rodeia e, ao mesmo tempo, um critério algo comercial. A publicação de literatura infantil pode parecer incompatível com o público-alvo que definimos para a Conta-fios, porém entendemos que se o nosso leitor comprasse livros para oferecer às crianças que conhecesse gostaria de ter à disposição títulos cuidados e bem ilustrados, mas principalmente um texto capaz de despertar questões aos mais pequenos.

A definição do catálogo é acompanhada de perto pela sua calendarização, uma das tarefas mais importantes para o bom funcionamento de uma editora: planear as datas de lançamento dos livros é crucial para uma gestão eficaz dos recursos financeiros, para delinear a estratégia de *marketing* e principalmente, para definir prazos para cada fase

do processo de edição, que agiliza diferentes intervenientes. Com o objectivo de definir prioridades, dividimos os nossos títulos em séries – A, B, C e estrelas, sendo que as estrelas são as prioridades e a série C, o seu oposto –, classificação que tem menos que ver com a qualidade literária do texto do que com o seu potencial comercial. Por razões orçamentais, de *marketing* e de recursos humanos, uma editora não investe na mesma medida em todos os seus títulos, privilegiando certos títulos para os quais prevê um bom retorno, em detrimento de outros.

Na calendarização, como aliás em muitos outros processos do mundo da edição, não há regras, apenas procedimentos habituais que podem ou não adequar-se a cada livro. No calendário da Conta-fios, que tem início em Março de 2017 e contempla o seu primeiro ano, planeámos as saídas de livros com periodicidade quinzenal e seguimos as datas mais importantes do calendário editorial português, tendo em conta o âmbito da editora: os lançamentos de romances concentram-se em Maio e Junho e entre Setembro e Novembro, meses que coincidem com a Feira do Livro de Lisboa e com a *rentrée* literária, respectivamente. Nos meses de Julho e Agosto, optou-se por não lançar qualquer livro. O calendário infanto-juvenil rege-se por outras directrizes, tomando particular atenção ao calendário escolar, como nos sugeriu Pedro Reisinho, editor da Zero a Oito, editora infantil assumidamente comercial.

Outro factor que levámos em consideração no planeamento do calendário foi a existência de efemérides ou eventos importantes com os quais pudéssemos fazer coincidir o lançamento de certos livros. No entanto, esta conjugação não é garantia do sucesso do livro: é importante que se acerte no *timing*. O livro deve ser lançado algum tempo antes da data a celebrar para que possa ser enviado a jornalistas e críticos, beneficiando do espaço na imprensa. Se nos anteciparmos muito, perde-se o escasso tempo de vida útil no qual o livro ocupa os destaques das livrarias. Se, por outro lado, o livro for lançado muito perto da efeméride, poderá ficar submerso entre os outros livros lançados segundo a mesma lógica, não beneficiando do efeito pretendido.

c. Gestão de projecto e orçamentação

O papel do editor está intrinsecamente ligado ao texto e ao seu melhoramento, mas segundo o que pude perceber a partir das *masterclasses* com os nossos convidados (em particular, com os editores) e do processo de pensar a Conta-fios, mergulhar nas

complexidades textuais é apenas uma pequena parte do trabalho desenvolvido por um editor nos nossos dias. Frequentemente e entre muitas outras funções, um editor do século XXI é também um gestor financeiro, que compatibiliza a edição de textos aos quais reconhece valor com a viabilidade económica da mesma.

Tendo em conta a importância de uma boa gestão de projecto, elaborámos o orçamento para o primeiro ano de funcionamento da editora, estabelecendo em primeiro lugar os custos fixos, que dividimos nas seguintes categorias: renda do espaço, água, luz, telecomunicações, equipamentos e *software* informático, mobiliário, economato, limpezas, produção e licenças associadas ao *site* e ordenados. A equipa da Conta-fios seria constituída por cinco membros: duas pessoas para a área editorial, uma pessoa responsável pela comunicação, uma pessoa para servir de ponto de contacto com a distribuidora e outra para secretariado e administração. Decidimos externalizar os serviços de tradução, revisão, paginação, *design* das capas e do projecto gráfico original e impressão.

Quanto à distribuição, pesámos os prós e contras associados às três modalidades – interna, externa ou híbrida – e decidimos recorrer à distribuição externa. A desvantagem óbvia seria o desconto médio, percentagem do preço do livro que inclui a margem de receita da distribuidora e que esta retém para negociar com os retalhistas. Outra desvantagem é a possibilidade de sobreposição de oferta no catálogo da distribuidora, que irá apresentar aos pontos de venda o livro sobre o qual tem maior margem. Por outro lado, recorrer a uma distribuidora permitir-nos-ia resolver o problema de armazenamento dos livros e reduzir custos em pessoal, viaturas, combustível e telemóveis. Por preferirmos um escritório situado em Lisboa ou arredores, cuja localização central implicaria um custo elevado por metro quadrado e preferirmos manter a equipa reduzida a cinco pessoas, os dois últimos argumentos assumiram maior peso e resolvemos recorrer a uma distribuidora externa.

Estabelecidos os custos fixos, completámos o orçamento do primeiro ano da Conta-fios com os custos variáveis, nomeadamente os custos de produção associados a cada livro. Tomando valores de referência para a tradução, revisão, paginação e para o *design* das capas, pudemos calcular os custos totais da edição, faltando-nos apenas o custo da impressão. Havíamos pensado superficialmente no *design* dos livros da Conta-fios e especificámos os elementos necessários num pedido de orçamentação que enviámos a uma empresa de produção gráfica.

De seguida, tentámos estabelecer as expectativas de colocação – um dos factores

que influencia fortemente a tiragem –, pensando naqueles que seriam os nossos principais pontos de venda. A tiragem não deve ser inteiramente esgotada pela expectativa de colocação – o número de exemplares enviados para os retalhistas – que, por sua vez, não equivale ao número de exemplares vendidos. Atribuindo variáveis a todos estes conceitos, calculámos o valor do *breakeven* em exemplares e em percentagem da tiragem, a taxa de rentabilidade da edição e o valor correspondente aos *royalties*, que organizámos num ficheiro Excel.

Mais do que transmitir-nos conceitos como *breakeven*, custo unitário de produção, margem, factor, desconto médio, taxa de rentabilidade do projecto, adiantamento ou *royalties*, a prioridade de Paulo Ferreira foi que as relações entre estes nos fossem de tal modo familiares que, dado um conjunto de variáveis, os resultados fossem rapidamente calculados. Este exercício de cálculos foi uma constante ao longo do estágio, pois é uma valência imprescindível à função do editor, para estimar custos, analisar orçamentos, ter uma noção exacta dos créditos e dos débitos associados aos projectos e para que todos os prazos sejam cumpridos.

d. Acções de comunicação

Em virtude da crise económica de 2008 e do facto de os livros não serem bens económicos de primeira necessidade, as vendas de livros diminuíram, o que forçou os editores a diminuir as tiragens. Esta diminuição e o aumento do custo do papel fizeram aumentar os custos de produção e consequentemente, o preço de venda ao público, causando a diminuição das margens de lucro da edição. Luís Alegre apresentou-nos uma visão interessante da situação, segundo a qual considera que os livros se aproximarão daquilo que hoje são os livros de arte, regressando a processos mais artesanais e menos mecanizados, pois não será financeiramente rentável fazer tiragens pequenas com os métodos agora utilizados.

Devido a estas dificuldades, algumas editoras publicam segundo uma política de lotaria: editam muitos livros na expectativa que um deles se revele o número vencedor, ou seja, que se torne um *bestseller* e ofereça proveitosas margens de lucro. Este pode ser um factor explicativo para os 15354 títulos editados em Portugal em 2013³, número que,

³ SOARES NEVES, J. (coord.), Comércio livreiro em Portugal. Estado da arte na segunda década do século XXI, Lisboa, APEL – Associação Portuguesa de Editores e Livreiros, 2014, p. 37.

para alguns, representa um excesso de oferta, já que em Portugal não há um elevado número de leitores com hábitos regulares de leitura e de compra de livros.

Se considerarmos que há de facto excesso de oferta de livros no mercado português, encontramos o contexto no qual o *marketing* e a comunicação assumem importância, pois o seu fim é aproximar o produto do consumidor, ou seja, apresentar o livro ao leitor de um modo eficaz para que este decida adquiri-lo, preterindo os outros títulos à sua disposição.

Uma posição de destaque e uma boa promoção nas livrarias é um factor adjuvante ao sucesso do livro, já que estas são obviamente um modo privilegiado de chegar ao público-alvo, porém uma estratégia de *marketing* que se queira eficaz não se reduz a garantir que os livros estejam visíveis nas livrarias. A estratégia de *marketing* e comunicação é pensada desde a definição do conceito e do leitor-tipo, pois é aí que se traçam os contornos do posicionamento da editora.

Um plano de *marketing* completo inclui um estudo de mercado e de viabilidade do livro, uma análise SWOT do produto e um orçamento das propostas calendarizadas. Para a Conta-fios não elaborámos tais planos, pensámos apenas em algumas acções de *marketing* destinadas à promoção dos três livros inaugurais do catálogo da editora, a curto e médio prazo: um de ficção literária portuguesa, outro de ficção literária lusófona e outro de literatura infantil. Os dois primeiros estavam incluídos na selecção de estrelas, o que implica um investimento em *marketing* e comunicação em conformidade, e foram escolhidos para inaugurar o catálogo por tratarem temáticas que atraem a atenção do público: o primeiro aborda a violência doméstica e o segundo, o radicalismo islâmico. Ao fazer coincidir estes títulos com o início da actividade da editora, procurámos beneficiar da potencial polémica causadas pelos temas abordados para que as pessoas passassem a conhecer a editora.

No sentido de dar a conhecer a editora aos leitores e à imprensa, a estratégia de comunicação pensada passava por enviar *press releases* destinados aos meios de comunicação social e blogosfera e por uma aposta nas redes sociais, nomeadamente *Facebook* e *Instagram*, já que havíamos definido o nosso leitor-tipo como utilizador das mesmas. A comunicação da editora passaria também por uma *newsletter* a ser enviada em momentos distintos: no início da sua actividade, através da compra de contactos, e periodicamente, dando a conhecer as novidades trimestrais.

Para as estratégias de comunicação orientadas a cada livro, faríamos mais uma vez uso dos *press releases* e das redes sociais. Pensando no livro de ficção literária que

aborda o radicalismo islâmico, decidimos explorar as opiniões suscitadas pelo tema e organizar o lançamento em torno de uma mesa de debate em torno do mesmo. Por outro lado, o lançamento do livro que explora a violência doméstica seria idealmente numa livraria Bertrand ou numa FNAC, pois para além de não pagarmos o espaço, beneficiaríamos da promoção das agendas próprias da cadeia em causa e no dia do lançamento, garantiríamos o destaque do livro nas lojas. Estas acções de promoção foram pensadas a curto prazo, não constituindo um plano de *marketing*. Este exercício de imaginação serviu-nos, no entanto, para pensar em como vender um livro de acordo com as suas características particulares, destacando os seus pontos fortes.

4. Tarefas realizadas durante o estágio

A concepção de uma editora correspondeu a um tronco comum do trabalho desenvolvido pelos estagiários do Bookcamp. Porém, após os primeiros dias, durante os quais as tarefas foram partilhadas, cada um dos estagiários foi direccionado e formado numa das áreas da Booktailors, de acordo com as suas preferências e as necessidades da empresa. Como referi anteriormente, trabalhei maioritariamente na área de produção de eventos e neste ponto, relatarei as actividades realizadas nesta área, bem como outras tarefas comuns do Bookcamp.

a. Integração no funcionamento da empresa

No primeiro dia, lemos manuais relativos a duas áreas da Booktailors: agenciamento e produção. Estes listam e exploram os diversos processos, tarefas e etapas associados a estas duas áreas e são uma referência em caso de dúvida. Para além disso, aprendemos a trabalhar com o *Excel*, ferramenta indispensável usada para bases de dados e orçamentos, com o *Google Calendar*, onde podíamos encontrar discriminadas as nossas actividades diárias e o tempo alocado à realização das mesmas, e com a *Redbooth*, ferramenta *online* para o planeamento e gestão de trabalho de equipas.

b. Preenchimento de fichas de produto

Ao *pitch* – momento no qual um agente literário apresenta um livro a editores estrangeiros com o propósito de vender os direitos do livro para uma tradução – antecede um trabalho de preparação e prospecção que começa com a leitura da obra em questão e a sua análise sob uma perspectiva comercial. Uma ficha de produto corresponde a uma fase desta preparação: é um documento preenchido a partir do livro em questão e contém a ficha técnica do mesmo, o enredo (um resumo de 7500 caracteres focado no desenvolvimento da narrativa), a sinopse (um resumo de 1000 caracteres sem o carácter apelativo de um texto de contracapa), os locais onde decorre a acção (um ponto favorável à publicação nesses territórios) e os argumentos de venda de obra. Estes podem incluir factores objectivos como os prémios atribuídos ao livro ou ao

autor e edições estrangeiras existentes ou argumentos dependentes do conteúdo, como as questões tratadas no livro.

Em contexto de feira, um agente deve estar preparado para apresentar muitos títulos a vários editores de nacionalidades e objectivos diferentes, num curto espaço de tempo, pelo que o *pitch* deve ser eficaz. Ao ler a ficha de produto de um livro, um dos vinte que tentará vender numa das cinco reuniões agendadas para duas horas e meia, o agente pode rapidamente recuperar informação que o ajudará a ser bem sucedido no seu objectivo.

Fiquei responsável pela leitura e preenchimento das fichas de produto dos seguintes livros: *Para onde vão os guarda-chuvas*, *Flores* e *Nem todas as baleias voam* de Afonso Cruz, *Arquipélago* de Joel Neto e *Sem Coração* de Miguel Miranda.⁴ Apesar de não ter escolhido a área de agenciamento, esta tarefa foi útil porque me permitiu começar a desenvolver uma leitura de editor, por oposição ao olhar do leitor. Um editor deve ser primeiramente um leitor, porém é irrealista pensar que o gosto pessoal possa ser o único critério ao qual obedece a decisão de editar um livro. Ao analisar um título, um editor deve perceber se este se adequa ao mercado, se há público para o livro, qual o seu leitor-tipo, qual o *timing* certo para o lançamento ou quais as expectativas de colocação. Em suma, o leitor aprecia o livro, ao passo que o editor deve ponderar um conjunto de questões que determinam a viabilidade da sua publicação. Identificar os argumentos de venda de um título é uma parte importante dessa análise, porque em torno deles se traça toda uma estratégia de posicionamento, comunicação e *marketing*.

c. Preenchimento de bases de dados

Uma tarefa partilhada pelos estagiários do Bookcamp foi o preenchimento de bases de dados relativas a editoras estrangeiras e aos autores agenciados pela Bookoffice. Para completar a primeira, recorremos a catálogos de feiras internacionais e à *internet* para encontrar editoras às quais os títulos dos autores da agência pudessem interessar, compilando informações cruciais como os contactos dos editores ou responsáveis por compra de direitos e se haviam publicado autores portugueses anteriormente. Esta base de dados não se subsume numa mera lista telefónica, já que é feita uma classificação dos catálogos das editoras de acordo com os géneros publicados,

⁴ Ver anexos 1, 2, 3, 4 e 5.

a partir de uma análise cuidadosa dos *sites* das mesmas, trabalho que permitiu perceber como estruturam outras editoras o seu catálogo.

Alimentar a base de dados de autores da Bookoffice consistia num inventário dos documentos e livros referentes a cada autor, bem como a sistematização da informação quanto às edições estrangeiras de cada título. Não prossegui com esta tarefa depois de ter sido encaminhada para a gestão da agenda dos autores, porém assisti a como foi vantajosa aos meus colegas que trabalharam no agenciamento a informação organizada durante a fase de prospecção e contactos com editoras estrangeiras.

Ao trabalhar com a equipa de produção, fiquei responsável pela actualização de outras duas bases de dados. A base de dados de contactos é preenchida com os *e-mails* e telefones de editoras e agentes literários, autores, jornalistas e outras personalidades do meio cultural, estrangeiros ou nacionais; incluem-se também os dados de livrarias, bibliotecas municipais, hotéis, restaurantes e outros parceiros. Esta base de dados é fulcral para uma empresa como a Booktailors, cuja actuação depende fortemente da capacidade de estabelecer relações fortuitas com outros actores do meio.

A base de dados de convidados lista as personalidades que participaram em cada evento organizado pela empresa, quer enquanto orador, quer enquanto moderador, e eu era responsável pela sua actualização mensal.

A organização da informação em bases de dados deriva de um princípio de funcionamento da empresa segundo o qual um processo não pode estar dependente de uma só pessoa, pelo que a informação necessária à sua realização deve estar ao dispor de toda a equipa, assim como o trabalho desenvolvido até ao momento e os passos que devem ser tomados de seguida.

d. Gestão da agenda e *e-mail* de autores

A Bookoffice, uma agência de serviços para autores, oferece aos mesmos um acompanhamento completo, desde o aconselhamento na fase de escrita à gestão do seu calendário e burocracia. Participei neste acompanhamento gerindo a agenda dos autores e o *e-mail* que se lhe encontra associado, para o qual são enviados pedidos para sessões ou entrevistas, grande parte dos quais são provenientes de bibliotecas municipais e escolas.

Independentemente da natureza do pedido, o primeiro passo do procedimento

habitual seria dar uma resposta à entidade interessada, procurando saber o máximo possível sobre a sessão. Na posse de todas as informações, encaminharia o convite ao autor, averiguando o seu interesse e disponibilidade em aceitá-lo. No caso de uma resposta positiva, informar-se-ia a entidade interessada da aceitação e das condições do *cachet* e de pagamento de despesas, com os quais o autor deve sempre concordar. O agente é o representante do autor e procura defender os seus interesses, podendo aconselhá-lo de acordo com o que pensa ser mais vantajoso, porém todas as decisões são do agenciado. Nesta função, eu servia apenas de intermediária entre o autor e quem quer que solicitasse a sua presença. Agindo em representação do primeiro, podia acertar a data, as condições e os detalhes da sessão, formalizados num orçamento que era posteriormente submetido à concordância da entidade que endereçava o convite. Depois de receber a requisição ou nota de encomenda relativa à sessão, que passava à colega responsável pelo departamento administrativo para facturação, restava apenas lembrar o autor do seu compromisso alguns dias antes do mesmo e comprar bilhetes de comboio, enviar textos para serem lidos nas sessões ou outras diligências específicas a cada encontro.

Ainda no âmbito da gestão da agenda e *e-mail* de autores, fiquei responsável por criar um documento em *Excel* cuja finalidade era reunir a informação relativa a todas as sessões e visitas feitas por autores da Bookoffice a bibliotecas, escolas, livrarias ou outros, e simplificar o preenchimento do orçamento a enviar aos clientes. A primeira *sheet* deste documento – “Bíblia” – consistia na lista com todas as informações; na segunda *sheet* – “Orçamentos para envio” – estava replicado o template que apresento no anexo 7, um template correspondente a cada visita ou sessão, da qual constam todas as informações listadas na “Bíblia”, através da opção de *links* entre células. Com a informação automaticamente preenchida na folha “Orçamentos para envio”, exportava para um PDF a selecção de células que compõem o orçamento, pronto a enviar ao cliente.

Para o *e-mail* de autores são enviados não apenas os pedidos acima referidos, mas também pedidos de agenciamento. Nesses casos, eu deveria pedir ao autor uma nota biobibliográfica, sinopse e primeiro capítulo das suas obras para posteriormente arquivar numa pasta para que fossem avaliados pela equipa editorial.

e. Acompanhamento na produção de festivais

Ao trabalhar com a equipa de produção da Booktailors, participei nos bastidores da realização de diversos festivais literários, como a Festa da Poesia, em Matosinhos, e Tinto no Branco, em Viseu, ambos em Dezembro de 2016, Húmus – Festival Literário de Guimarães, em Março de 2017 e Fronteira – Festival Literário de Castelo Branco, entre 29 de Março e 1 de Abril de 2017. O meu estágio decorreu entre o final de Outubro de 2016 e Fevereiro de 2017, razão pela qual acompanhei os festivais em diferentes fases de produção: acompanhei a fase final do Tinto no Branco e da Festa da Poesia e o início da preparação do Húmus e do Fronteira.

Na Booktailors, a organização de eventos literários divide-se nas vertentes de programação, pré-produção e produção executiva. Durante a programação, define-se o conceito e a duração do evento, pensa-se em possíveis temas para conversas e debates e em convidados que se adequariam aos mesmos, imaginam-se exposições, iniciativas de promoção de leitura, outras actividades e instalações que são exaustivamente orçamentadas e organizadas numa proposta submetida à aprovação do cliente. A programação e a orçamentação são etapas em estreita dependência: à realização material e concreta das ideias expostas na programação corresponde um custo, para além dos custos fixos do evento, como o transporte, alojamento e alimentação do *staff* ou a *repérage*, uma viagem de “reconhecimento de terreno” para avaliar as condições oferecidas pelos locais de realização do evento e pelos parceiros. Determinar e discriminar os custos – nos quais se incluem viagens, alojamento e alimentação da equipa e convidados, *cachet* dos convidados, produção gráfica ou equipamento cénico, a título de exemplo – permite apresentar uma proposta fidedigna e credível ao cliente, determinar a margem de rentabilidade do projecto, identificar onde se tem os maiores e menores custos e estabelecer prioridades, assinalando as parcelas onde se pode baixar os custos.

Garantida a aprovação do cliente, passa-se à fase de pré-produção, que consiste na preparação do evento, assegurando todas as condições logísticas necessárias à sua realização. A equipa de produção executiva encarrega-se então de tarefas como contactar os convidados que irão participar nas mesas, debates ou idas às escolas, fazer a *repérage*, reservar alojamento, transporte e refeições ou assegurar que há o material cénico necessário nos locais onde decorrerá o evento.

As fases de programação e pré-produção culminam na fase de produção

executiva, ou seja, no acompanhamento do evento no local. A equipa de produção executiva acompanha a totalidade da programação, bem como os convidados e os meios de comunicação social: é o ponto de contacto entre estes, o cliente e o restaurante, hotel ou outros. De um modo geral, o trabalho da equipa de produção executiva é garantir que tudo decorre o mais próximo possível do planeado.

A programação, a pré-produção e a produção executiva correspondem a fases distintas do processo, mas são vertentes em constante articulação: a equipa de programação não deve ignorar a logística e os custos implícitos nas suas ideias e a equipa de produção consulta a equipa de programação quando algumas das ideias não se concretizam, oferecendo alternativas.

Quanto ao Tinto no Branco e à Festa da Poesia, cuja organização estava já muito avançada quando iniciei o estágio, o meu trabalho consistiu em compilar fichas de convidado, ou seja, um documento personalizado para cada convidado contendo as informações práticas referentes à sua participação, alimentação e alojamento⁵. Estas fichas são enviadas por *e-mail* a cada convidado dias antes do evento, lembrando-o de todos os detalhes necessários.

Relativamente ao Húmus e ao Fronteira, participei em reuniões de equipa para discutir o ponto de situação da organização. Organizei também os materiais necessários para incluir no *press kit* dos eventos, compilando as fotografias e biografias dos convidados à medida que estes confirmavam a sua presença. Recolhia as imagens e textos de uma pasta de fotografias e um ficheiro com as biografias de todos os convidados, que havia organizado previamente. Não tendo os materiais ou estando estes desactualizados, deveria pedi-los à editora, agência ou entidade representativa do convidado.

Coube-me ainda procurar possíveis fornecedores em Guimarães para o período de realização do Húmus, especificamente *rent-a-car* e restaurantes. Se, no primeiro caso, a pesquisa foi bastante rápida porque apenas existem duas empresas do género na cidade, no caso dos restaurantes, fiz uma pesquisa na *internet*, tendo como critérios o preço, a lotação do espaço, que deveria ser suficiente para acolher um grupo grande, e os comentários positivos de utilizadores no *TripAdvisor*. Seleccionei dois ou três restaurantes que cumpriam os requisitos, recolhi os seus contactos e horários e passei-os aos meus colegas da equipa de produção para que os visitassem durante a *repérage*.

⁵ Ver anexo 6.

f. Preparação de exposições

Inseridas no Plano Municipal de Leitura de Lousada, iniciativa da Booktailors e da Câmara Municipal de Lousada, estiveram as exposições “Cuquedo” de Paulo Galindo, originalmente publicadas no livro homónimo, e “Retratos de Escritores” de Afonso Cruz, na qual figuram diversas personalidades da literatura portuguesa e lusófona. Com as ilustrações de “Cuquedo”, que haviam sido previamente expostas em Guimarães, o meu trabalho consistiu em verificar o estado de todas as molduras, substituir as que não se encontravam em bom estado e prepará-las para expedição, enviando-as para Lousada.

Quanto à exposição “Escritores”, foi-me dada a liberdade de eleger quinze das trinta e uma ilustrações que a compõem para que fossem expostas numa escola do concelho. Privilegiei autores incluídos nos Programas Curriculares de Português do Ensino Secundário, como Luís Vaz de Camões, Padre António Vieira, Almeida Garrett, Eça de Queirós, Fernando Pessoa e José Saramago. Depois de satisfeito o critério de eleger autores cuja obra os alunos da escola conhecessem, pude escolher entre as outras ilustrações sem restrições. Elegi os retratos de Camilo Castelo Branco, Sophia de Mello Breyner Andresen, Agustina Bessa-Luís, António Lobo Antunes, Francisco José Viegas, Valter Hugo Mãe, Gonçalo M. Tavares, Mia Couto e José Eduardo Agualusa, preterindo autores igualmente merecedores. Seguidamente, solicitei um orçamento para impressão das 15 ilustrações, especificando que eram a cores, as medidas e a gramagem do papel. Mediante a aprovação do orçamento por parte do director de produção da Booktailors, enviei as ilustrações e confirmei o pedido de impressão. Depois de impressas, fui buscá-las e restou-me emoldurá-las, acondicioná-las e enviá-las para a Biblioteca Municipal de Lousada.

Conclusão

Concluída a fase curricular do Mestrado em Edição de Texto, a minha opção pela realização de um estágio com elaboração de relatório foi fruto da vontade de entrar no mercado de trabalho, procurando uma oportunidade para me desafiar e pôr em prática o que havia aprendido até então. Integrar a equipa da Booktailors na modalidade do Bookcamp veio completar a minha formação curricular num ambiente exigente, onde tudo acontece muito depressa, e correspondeu à expectativa que tinha sobre o que um estágio curricular me pudesse proporcionar: desafio e aprendizagem constantes.

No que concerne às competências técnicas que desenvolvi durante o estágio e que procurei sistematizar neste relatório, aprendi a trabalhar com *Excel*, *Redbooth* e *Google Calendar*, ferramentas importantes na gestão de tarefas e informação que poderão certamente servir-me noutro contexto laboral. Pude participar na organização de eventos e no funcionamento de uma agência literária, aprofundar conhecimentos e procedimentos relativos a diferentes etapas do processo de edição, com particular incidência na gestão de projecto e orçamentação. Desenvolvi ainda uma redobrada atenção ao mercado editorial, às suas movimentações e notícias, que, embora fomentada durante as aulas, é naturalmente estimulada quando se está inserido neste mercado.

No Bookcamp, somos estagiários no que diz respeito à preocupação com a formação, a que nos é ministrada em conjunto e a que somos encorajados a desenvolver individualmente. No entanto, somos também membros da equipa, pois trabalhamos integrados nos processos da empresa, de acordo com a sua política de exigência e responsabilidade. Desenvolvi neste período uma série de competências transversais que me ajudarão no percurso que agora inicio: melhorei a capacidade de organização e gestão de tempo, aprendi a trabalhar com prazos e objectivos previamente estabelecidos, desenvolvi o meu sentido de responsabilidade e pró-actividade, trabalhei em equipa e aprendi a gerir o *stress*. Trabalhar lado a lado com outros estagiários fomentou a partilha de conhecimentos e experiências académicas e uma competição saudável. No entanto, sendo o estágio na Booktailors a minha primeira experiência profissional na área editorial, tenho plena consciência que a aprendizagem que aqui iniciei está apenas no início.

Ninguém se torna editor ao acabar um Mestrado em Edição de Texto: este corresponde apenas à primeira etapa de um percurso que concilia, ao longo do tempo,

um corpo de conhecimentos teóricos, experiência prática no mundo da edição e uma constante atenção aos livros e ao mercado que deles se alimenta. A vertente académica do mestrado é propedêutica para a experiência prática do estágio: é no conjunto que as duas componentes assumem o seu total sentido.

Ainda que o propósito dos seminários leccionados no mestrado seja transmitir aos alunos um corpo de conhecimento teóricos relacionados com a edição de texto que sirvam de sustentação à nossa posterior experiência profissional, penso que os alunos beneficiariam se fossem introduzidas certas matérias de natureza mais prática, quer no contexto de seminários que já integram o mestrado, quer pela introdução de novos seminários no currículo. Refiro-me a matérias como *marketing* do livro, gestão editorial ou orçamentação de projectos que, actualmente, parecem fazer parte do *job description* do editor. Novos seminários dedicados a estes temas dotariam os alunos de maior polivalência e adaptabilidade à realidade do mercado editorial. Explorar o *e-book*, as suas problemáticas e possibilidades também seria bastante útil e possível talvez no contexto de cadeiras como Informática para a Edição ou Edição Electrónica.

Para além de uma certa discrepância entre o currículo académico, muito teórico, e a experiência no mercado de trabalho, eminentemente prática, outra dificuldade com que me deparei foi a reduzida duração do estágio: 400 horas correspondem a 50 dias úteis e no horário do Bookcamp, de segunda a quinta, a cerca de três meses. Este período é escasso para a nossa entrada no ritmo da entidade acolhedora e, em certos casos, para que possamos ver o fruto do nosso trabalho. A partir da minha experiência, posso dar como exemplo o facto de os dois festivais em cuja produção participei numa fase inicial se terem realizado depois do término do meu estágio. 400 horas parece não ser suficiente para completar satisfatoriamente a nossa formação, com óbvio prejuízo para o estagiário e para a empresa que o recebe, podendo até representar um factor de exclusão na selecção, já que a empresa não acolhe os estagiários tempo suficiente para ver o retorno do seu investimento na formação.

No âmbito do Bookcamp, uma crítica que expus a Paulo Ferreira, juntamente com os meus colegas, prende-se com a escolha precoce relativamente à área onde queríamos trabalhar dentro da empresa. Passar pelas três áreas de actuação e familiarizar-nos com as tarefas e processos que lhe estão associados, previamente à nossa escolha, permitir-nos-ia tomar uma decisão mais bem fundamentada.

Ainda que não tenha a distância suficiente para avaliar plenamente tudo o que aprendi durante o mestrado – seja na componente académica ou na componente prática

– creio que, no seu conjunto, me dotaram de uma base de competências teóricas, técnicas e pessoais que me compete desenvolver ao longo do percurso que agora inicio.

Bibliografia

Bibliografia principal

SOARES NEVES, J. (coord.), *Comércio livreiro em Portugal. Estado da arte na segunda década do século XXI*, Lisboa, APEL – Associação Portuguesa de Editores e Livreiros, 2014.

Bibliografia consultada

COSTA, S. F., *Fernando Guedes. O decano dos editores portugueses*, Lisboa, Booktailors, 2012.

COSTA, S. F., *Carlos da Veiga Ferreira. Os editores não se abatem*, Lisboa, Booktailors, 2013.

FURTADO, J. A., *A Edição de Livros e a Gestão Estratégica*, Lisboa, Booktailors, 2009.

MANGUEL, A., *Uma História da Leitura*, Lisboa, Editorial Presença, 1999.

MOJICA GÓMEZ, J. P. (coord.), *Las ferias del libro. Manual para expositores y visitantes profesionales*, Bogotá, CERLALC–UNESCO, 2012.

SCHIFFRIN, A., *O Negócio dos Livros. Como os grandes grupos económicos decidem o que lemos*, Lisboa, Letra Livre, 2013.

VALE, F., *Autores, Editores e Leitores*, Lisboa, Relógio d'Água, 2009.

Artigos

ALMEIDA, M. I., “A empresa que os editores desejam”, *Correio da Manhã* (13/11/2009, Lisboa), p. 7.

MATEUS, C., “Booktailors, inovação no sector empresarial”, *Expresso Emprego* (30/07/2011, Lisboa), p. 8.

Livros trabalhados

CRUZ, A., *Para onde vão os guarda-chuvas*, Lisboa, Alfaguara, 2013.

_____, *Flores*, Lisboa, Companhia das Letras, 2015.

_____, *Nem todas as baleias voam*, Lisboa, Companhia das Letras, 2016.

MIRANDA, M., *Sem coração*, Porto, Porto Editora, 2015.

NETO, J., *Arquipélago*, Lisboa, Marcador, 2015.

Websites consultados⁶

<http://bookoffice.booktailors.com/>

<http://blogtailors.com/>

<http://www.publico.pt/culturaipsilon/livros>

<http://observador.pt/seccao/cultura/literatura/livros/>

<http://expresso.sapo.pt/cultura>

<https://www.wook.pt/>

<http://www.thebookseller.com/news>

<http://www.publishnews.com.br/>

<http://www.publishersweekly.com/>

<https://publishingperspectives.com/>

<https://www.theguardian.com/books/publishing>

<http://www.tramaeditorial.es/>

<http://lithub.com/>

<http://horasextraordinarias.blogs.sapo.pt/>

<https://elblogdeguillermoschavelzon.wordpress.com/>

⁶ Consultados entre Outubro de 2016 e Fevereiro de 2017.

Anexos

Para onde vão os guarda-chuvas (2013)

Ano: 2013 (1.^a ed.)

Editor Original: Alfaguara

N.º Páginas: 624

Género: Ficção literária/Romance

Locais: um país árabe não especificado

Argumentos de venda

Edições estrangeiras:

- Autor traduzido em mais de 20 países.

Prémios:

- Prémio Autores para Melhor Livro de ficção Narrativa atribuído pela SPA, 2014;
- Finalista do Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores (APE), 2013;
- Finalista do Prémio Literário Fernando Namora, 2013.

Características do livro:

- Um romance que explora a relação de conflito entre o mundo ocidental e o médio oriente. Um muçulmano vê o filho ser assassinado por soldados americanos e decide adoptar uma criança americana para aplacar a dor. O amor como resposta à ignorância e incompreensão;
- Um romance fundamental na era Trump.

Sinopse

Fazal Elahi é um vendedor de tapetes dedicado à família, especialmente à mulher Bibi e ao filho Salim. Quando Bibi foge de casa, Aminah, a irmã de Fazal Elahi, cuida de Salim como se fosse seu. Um dia, Salim besunta-se com sangue de borrego e a família pensa que está morto. Salim levanta-se, a rir-se da sua brincadeira, e a família castiga-o.

Certa noite, entram em casa de Fazal Elahi três soldados americanos e matam Salim acidentalmente.

Nachiketa Mudaliar, um hindu apaixonado por Aminah, sugere a Fazal Elahi que adopte uma criança americana para apaziguar a sua dor. Fazal Elahi adopta Isa, um órfão que trabalhara numa fábrica, e que se adapta rapidamente à nova casa e procura o amor da sua nova família. Com este intuito, Isa decide fingir-se de morto também. A família mata um cordeiro e encontra Isa estendido no chão, sem respiração. Isa acaba por ser enterrado vivo, sem se decidir a dar sinal de vida, mas certo do amor da sua família.

Enredo

Nasce Salim, filho de Fazal Elahi e da sua mulher, Bibi, que se mostra algo indiferente à criança, enquanto o marido fica feliz e agradecido a Alá [53].

Fazal Elahi é um comerciante de tapetes apaixonado por Bibi, uma mulher fria, distante e indiferente ao marido e ao filho, que se veste à ocidental e usa os cabelos descobertos [67]. Salim acaba por ser amamentado e criado por Aminah, a irmã de Fazal Elahi [92-97]. Aminah não é casada, mas sonha com o dia em que terá um marido que lhe ofereça sapatos vermelhos e perfumes estrangeiros.

Fazal Elahi é visitado pelo general russo Ilya Krupin e pelo mulá Mossud, que o informam que Bibi fugiu com outro homem [115]. Fazal Elahi sente-se sozinho e enganado, Badini (um asceta mudo, seu primo) crê que terá sido pelo melhor e Aminah assume o papel de mãe de

Salim [119]. Aos três anos, Salim ainda não fala e gosta que o mudo o levante pelo ar para fingir que é um avião. Salim grita muito e é irrequieto, para vergonha de Fazal Elahi, que não gosta de dar nas vistas [128-132].

Certo dia, Badini mata um borrego no quintal e Aminah estufa a carne. Ouvem-se tiros na rua, os adultos acodem para ver o que havia sucedido e, quando regressam ao quintal, encontram Salim deitado no chão, ensanguentado [216-218]. Pensando que a criança havia sido atingida por uma bala perdida, a família chora a sua perda. Salim levanta-se da poça de sangue a rir e é castigado por Aminah [222-223].

No mercado, Nachiketa Mudaliar, um hindu, apaixona-se por Aminah [176] e Badini cruza-se com Bibi, vestida com uma burca [228-230]. Afinal, a mulher do primo não fugira com outro homem, mas fora atacada pelo general Krupin, que lhe preparara uma cilada. Bibi planeia vingar-se do general Krupin pedindo dinheiro a Dilawar Krupin, seu amante e filho do general, mas é morta antes de poder levar a cabo a sua vingança [296].

Numa noite invulgarmente silenciosa, Fazal Elahi ordena ao filho que se esconda na cozinha. Soldados americanos entram em sua casa, de armas apontadas. Perante esta invasão, Fazal Elahi, Aminah e Badini ficam imóveis e silenciosos. De repente, Salim sai da cozinha a rir-se e, instintivamente, um dos soldados dispara contra ele, matando-o [262-263].

Fazal Elahi passa o primeiro mês depois da morte do filho prostrado no seu tapete, sem tomar banho ou barbear-se, relembrando o filho. No final desse mês, Fazal Elahi levanta-se, dirige-se à sua fábrica e imprime cartazes que cola por todas as ruas. Nos cartazes, lê-se: “Eu, Fazal Elahi, dou toda a minha fortuna a quem souber consolar-me pela perda do meu filho Salim.” [302-306] À porta de casa do comerciante forma-se uma enorme fila de pessoas atraídas pela promessa da doação da fortuna, oferecendo sugestões ineficazes e insensíveis à dor do homem pela perda do filho [315-326]. O mulá Mossud sugere vingança, a única atitude capaz de mitigar aquela dor, mas Fazal Elahi não segue esse conselho [314].

Nachiketa Mudaliar junta-se à fila e sugere a Fazal Elahi que adopte uma criança americana [329]. Porém, não quer a sua fortuna, apenas quer casar com Aminah, apesar de ele ser hindu e ela muçulmana. Ao fim de uns dias, Fazal Elahi acaba por concordar com a proposta do indiano, deixando Aminah furiosa com a decisão do irmão [335-341].

De acordo com a sua vontade de adoptar uma criança americana, Fazal Elahi apanha um autocarro até à capital [347]. Nas ruas da cidade, vagueiam duas crianças, Isa e Nauman, que trocam cinco mangas por um gravador estrangeiro. Isa grava a sua história: é filho de muçulmanos, mas nasceu na América, foi baptizado e os pais morreram quando chegaram ao Oriente. Depois disso, trabalhou numa fábrica de brinquedos e o seu melhor amigo é Nauman [349-351], que mais tarde será atacado e morto por causa do gravador, deixando Isa sozinho [355].

Na capital, Fazal Elahi conhece um americano, John Smith, o mesmo homem que havia dado o gravador a Isa e a Nauman. Este conta ao muçulmano a história das duas crianças e oferece-lhe um chapéu dos Yankees [356-362]. Fazal Elahi não consegue arranjar um visto americano e, contra as suas crenças, embebeda-se. Um dia, um rapaz magro pede-lhe dinheiro e pede-lhe que diga um país, qualquer país, para que ele possa dizer-lhe a capital. É Isa. O rapaz segue Fazal Elahi durante uma semana e, depois de saber que Isa é americano, o muçulmano acha que Alá havia respondido às suas preces e decide adoptá-lo, apesar de este ser cristão [375-379].

Fazal Elahi leva Isa para casa e instala-o no quarto de Salim [384], apesar dos protestos de Aminah. Esta obedece ao irmão e cuida de Isa, mesmo contrariada. O rapaz habitua-se à família, apesar de ter o estranho hábito de sustentar a respiração [396]. A normalidade instala-se na casa de

Fazal Elahi: Nachiketa Mudaliar ainda quer casar com Aminah, Aminah ainda quer um marido e Fazal Elahi retoma os seus negócios.

Isa é mais parecido com Fazal Elahi do que Salim alguma vez fora e adora Aminah, que o despreza [405-407]. Isa fica doente com escarlatina e adora a atenção e o amor que a família lhe dedica na sua convalescença. A sua prece passa a ser “Escarlatina” [426-428].

Apesar da dedicação da criança, Aminah abandona Isa numa ida ao mercado [438-441]. Fazal Elahi escreve novos cartazes: “Ofereço a minha fortuna a quem encontrar um rapaz americano chamado Isa, cristão, de braços fininhos e tímido como as gazelas. Aparenta ter sete anos e, na altura em que desapareceu, vestia um shalwar kameez azul. Costuma tirar os sapatos e usá-los pendurados no ombro.” [446]. Forma-se uma nova fila junto à casa de Fazal Elahi, mas ninguém lhe traz Isa. É o rapaz que aparece ao portão de sua casa, sem denunciar Aminah [455].

Entretanto, o general Ilya Krupin pressiona o seu filho para que lhe devolvesse o dinheiro que lhe havia dado para a construção de uma casa. Dilawar havia dado o dinheiro a Bibi e tinha-o gasto no jogo e com mulheres [398]. É Dilawar quem encontra Isa e o leva a casa do general, apresentando-lhe duas hipóteses: devolver a criança ao pai, aceitando a fortuna de Fazal Elahi e saldando a sua dívida, ou entregar a criança ao pai sem reclamar a recompensa e o pai perdoar-lhe a dívida, pela consideração que tem a Fazal Elahi. O general escolhe a segunda hipótese [461-467].

Isa troca os seus poucos pertences por um perfume e um par de sapatos vermelhos, que dá a Aminah [475-478; 509-511], deixando-a pensar que os presentes eram de Nachiketa Mudaliar, entretanto convertido ao islamismo [480]. Um dia, Fazal Elahi e a irmã relembram Salim e Aminah diz que nunca o amou tanto como no momento em que o rapaz se fingiu morto. Isa ouve e memoriza estas palavras [486-487]. Entretanto, Badini parte numa peregrinação [559-561] e Isa aprende a ler e vai à missa, para ser um bom cristão.

Fazal Elahi mata um cordeiro e, durante o almoço, a família encontra Isa caído no chão. Aminah chora e Fazal Elahi não lhe sente a pulsação [572-574]. Habitudo a sustentar a respiração, Isa finge-se de morto para evitar a ira do pai e para ter a atenção total que não tinha tido até então. Apesar de Fazal Elahi pensar sentir o filho respirar de vez em quando, o coração não batia, e uma caixa de tapetes serve de caixão [577]. Em peregrinação, Badini sente uma dor na garganta e diz a sua primeira palavra em anos: Isa [589-591].

Isa continua vivo e consegue ver o que acontece no seu funeral: a família chora por ele e Aminah descansa a cabeça no ombro de Nachiketa Mudaliar, cedendo por fim [581-582]. Incapaz de tomar a decisão de se fazer ouvir e feliz pelo amor que a família demonstrava por ele, Isa deixa-se ficar no caixão e é enterrado vivo [592-595].

Flores (2015)

Ano: 2015 (1.^a ed.)

Editor Original: Companhia das Letras

N.º Páginas: 280

Género: Ficção literária/Romance

Locais: Lisboa e Alentejo

Argumentos de venda

Edições estrangeiras:

- Autor traduzido em mais de 20 países;
- Editado no Brasil.

Prémios:

- Prémio Literário Fernando Namora 2016.

Características do livro:

- Uma alegoria da sociedade sem memória e com dificuldade na relação interpessoal;
- Um retrato da sociedade contemporânea transposto para dois homens que se entreejudam. Um homem devorado pelo quotidiano e sem capacidade de se relacionar emocionalmente com ninguém, e um amigo que não tem memórias pessoais mas que se comove intensamente com todas as dores do mundo. Uma metáfora da forma como nos relacionamos com o mundo, ignorando o que nos rodeia e a nossa memória, por contraponto com uma militância pelos problemas globais.

Sinopse

O protagonista é um homem alienado do mundo e preso na rotina, algo insensível à mulher e à filha. O senhor Ulme, seu vizinho, perdeu qualquer lembrança do seu passado, mas sente-se pessoalmente afectado por todas as crueldades do mundo e coleciona notícias de jornal. O protagonista decide ajudá-lo a recuperar as suas memórias a descobrir que fechadura corresponde à chave que o velho traz ao pescoço.

A mulher deixa-o e leva a filha, pelo que o protagonista se dedica a viajar até à aldeia do senhor Ulme e a entrevistar conhecidos do velho, sobre quem têm opiniões muito distintas. O protagonista encontra Margarida Flores, a amada do senhor Ulme e que ele próprio denunciou à PIDE. Encontra também o armazém ao qual corresponde a chave e, lá dentro, descobre uma enorme estátua feita de recortes de jornal, relatando tragédias e desgraças.

O senhor Ulme, já frágil, encontra-se uma última vez com Margarida e o protagonista decide-se a recuperar a relação com a filha e a sua vida.

Enredo

O romance centra-se em dois homens: o senhor Ulme, um idoso sem qualquer memória do passado, e o seu vizinho, o narrador, de nome desconhecido, que vive sem reparar nos que o rodeiam.

O protagonista é jornalista e vive com Clarisse e Beatriz, a mulher e a filha. Certo dia, depois de sete anos a viver ao lado do senhor Ulme, decide pela primeira vez convidá-lo para tomar café, ocasião em que o velho diz que nunca viu uma mulher nua [19-20]. No prédio vive também Dona Azul, com 92 anos, e, no último andar, decorrem os ensaios da banda Orquestra Mnor.

O protagonista vive um casamento monótono e minado pela rotina [25]. Numa ida ao parque com a filha, encontra o senhor Ulme a ler Séneca. O senhor vive perturbado pelas

injustiças que lê nos jornais e cria com Beatriz uma relação cúmplice [27-28]. Leva muito a sério a tarefa da educação da menina, que sente curiosidade e respeito pelo que o vizinho lhe ensina.

Num fim de semana em que a mulher está fora, o protagonista convida Samadhi, uma ex-colega, para ir a sua casa e envolve-se com ela. Beatriz aparece à porta do quarto. O pai procura arranjar uma explicação para o que a criança viu e tenta convencê-la a não dizer nada à mãe, mas Beatriz não lhe responde [34-39]. Beatriz começa a afastar-se do pai, ficando calada na sua presença [43].

É Dona Azul quem esclarece o protagonista quanto ao que aconteceu ao senhor Ulme: tivera um aneurisma e fora operado há dois meses, não tendo quaisquer memórias do passado, apesar de continuar funcional. Numa conversa com Clarisse, que lhe diz que sabia da situação do vizinho e que o tinha visitado no hospital com Beatriz, o protagonista começa a aperceber-se da sua alienação quanto aos outros [46-47].

O senhor Ulme quer visitar uma médium, para saber algo sobre o passado, mas a visita é inútil [48-50]. Traz ao pescoço uma chave sem se lembrar que fechadura lhe corresponde [85]. O protagonista resolve então ajudar o vizinho a reconstruir a memória e escrever a sua história [68]. Numa visita à aldeia alentejana do senhor Ulme, o protagonista encontra opiniões contrárias sobre o seu vizinho, que se sente grato pela ajuda.

O protagonista marca um encontro com Margarida Flores, antiga amada do senhor Ulme, que não se revela muito produtivo, pois a fadista apenas quer discursar sobre si própria [88-96]. O protagonista volta a ligar a Margarida Flores, para saber da vida do senhor Ulme, mas a fadista nega conhecê-lo [103].

Uma manhã, o protagonista repara que Clarisse bebera a noite inteira [98]. O protagonista e a mulher discutem. Clarisse faz as malas e sai de casa, levando Beatriz consigo [118-120]. Sem conseguir falar com a mulher nem com a filha, o protagonista decide dedicar mais tempo à história do senhor Ulme [128].

Através do vizinho, o protagonista fica a saber que Clarisse fora despedida [137] e era essa a razão pela qual bebia. O protagonista surpreende Samadhi e encontra-a com Mendes, um colega com quem costumavam gozar. Samadhi diz-lhe que também Clarisse dormira com Mendes durante dois anos; perante isto, o protagonista pensa em suicidar-se, mas é salvo pela Orquestra Mnor, que chega ao terraço para ensaiar [146-149].

Na sua tentativa de reconstruir a memória do vizinho, o protagonista encontra-se com o senhor Vastopoulos, amigo do senhor Ulme, que o elucida quanto aos recortes de jornal que o velho tem em casa: comprometido em ajudar os pobres, mantinha os recortes como um mapa, como que para se lembrar pelo que lutava. Mais tarde, fez com eles um *golem*, um homem artificial capaz de despertar as pessoas da sua indiferença [157-163].

O protagonista leva o senhor Ulme ao médico e é-lhe diagnosticada uma degeneração de uma parte do cérebro que, aos poucos, lhe retiraria os movimentos [164-167]. A certa altura, o senhor Ulme quase não anda e Beatriz passa os fins-de-semana com o pai, mas a sua relação não melhora; o senhor Ulme é uma espécie de intermediário entre pai e filha [180].

Violeta Flores, irmã de Margarida, conta ao protagonista que, no passado, o senhor Ulme procurara provocar pequenos acidentes e pesquisava os jornais em busca de notícias de acidentes que pudesse ter causado [168-171]. Dá-lhe a ideia de procurar a fechadura da chave nas propriedades de campo do senhor Ulme.

O protagonista zanga-se com o senhor Ulme e decide não lhe falar. O fim de semana de pai e filha sem o vizinho é um desastre: Beatriz remete-se ao silêncio completo, o que faz com que o pai decida voltar a falar com o vizinho [194-196]. Dois meses depois, o senhor Ulme já precisa de uma cadeira de rodas e a sua fala começa a deteriorar-se; o protagonista não o entende, mas Beatriz compreende-o na perfeição e torna-se a intérprete entre os dois homens [199-200].

Margarida Flores suspeita que fora o senhor Ulme, ou Manel, a denunciá-la à PIDE, décadas antes. A fadista conta finalmente a sua história com o senhor Ulme: ela era pobre e ele rico, dançaram num baile da aldeia, casaram-se em segredo e ela tornou-se famosa, cantando pelo país. As suas canções tinham críticas subtis à ditadura e a PIDE levou-a no dia em que soube que estava grávida. Foi torturada e perdeu o filho, mas Manel não a ajudou. Quando Margarida foi libertada, Manel disse-lhe que não queria mais vê-la, mas depressa se arrependeu e pediu-lhe desculpa; isto repetia-se num ciclo vicioso. Margarida Flores mantinha vivas as memórias desse tempo, das rejeições de Manel e da tortura, mas também do baile em que havia dançado com Manel. [206-215].

Motivado por este relato, o senhor Ulme tem esperança que Margarida queira ainda dançar com ele e decide que têm de enfeitar o terraço do prédio para que se pareça com o baile da aldeia nos anos sessenta [216-218].

O protagonista convida Sara, a enfermeira contratada para tomar conta do senhor Ulme e também sua intérprete, para um passeio [225]. Com Gonçalves, o agente da PIDE que prendera Margarida Flores, o protagonista confirma que havia sido o senhor Ulme a denunciá-la.

O protagonista, o senhor Ulme e Sara partem para a aldeia com o objectivo de experimentar a chave que o velho traz ao pescoço em todas as fechaduras de todas as propriedades da família do homem [232]. Conseguem descobrir o armazém cuja porta se abre com a chave e, lá dentro, encontram uma estátua negra, enorme, estendida no chão e construída com recortes de jornal: um enorme *golem* que envergonharia a humanidade ao lembrá-la das atrocidades de que é capaz. O senhor Ulme fica surpreendido, pois não se lembra que foi ele a construir aquele colosso [240-242]. O protagonista decide tirar o *golem* do armazém e colocá-lo junto à antiga casa do senhor Ulme. Porém, a estátua não tem o efeito para o qual foi construída; gera curiosidade e é muito fotografada, mas ninguém fica perturbado com o seu significado [245-246].

Continuam os preparativos para o baile, mas Margarida Flores nega qualquer hipótese de reencontrar o senhor Ulme [254]. O senhor Ulme perde a esperança, o protagonista e Sara discutem e ela despede-se [256-259]. A fala do senhor Ulme é cada vez mais imperceptível e o novo enfermeiro também não o entende; apenas Beatriz consegue compreender o senhor [267-269].

Para convencer Margarida Flores, o protagonista leva o senhor Ulme a casa da fadista e conta-lhe que o velho não se lembra de alguma vez ter visto uma mulher nua. Margarida leva-o para o quarto, culminando essa falta na memória de Manel. Ao sair de casa da fadista, Beatriz abraça finalmente o pai e este diz que telefonará a Sara.

Nem todas as baleias voam (2016)

Ano: 2016 (1.^a ed.)

Editor Original: Companhia das Letras

N.º Páginas: 280

Género: Ficção literária/Romance

Locais: Paris

Argumentos de venda

Edições estrangeiros:

- Autor traduzido em mais de 20 países.

Características do livro:

- Comunica com outros títulos (Enciclopédias, *A Boneca de Kokoschka*) ainda que mantenha uma total independência;
- Este romance é como um azulejo que faz parte de um painel que Afonso Cruz está a construir romance a romance, enciclopédia a enciclopédia;
- Romance mais recente do autor;
- Temas: espionagem, jazz, URSS, USA, editor, escritor;
- Pode a música ser uma forma de passar mensagens encriptadas?;
- Tal como na II GG, pode o mal inspirar obras de arte e a literatura.

Sinopse

Erik Gould é um pianista que vive com o filho Tristan e lida com o desaparecimento da mulher, Natasha. Tristan vê sentimentos e é acompanhado por uma velha que é a sua morte. Isaac Dresner, amigo de Gould, tem uma editora onde publica um autor anónimo que vende bastante.

Gould é seguido por um agente da CIA, que o quer aliciar a participar no programa *Jazz Ambassadors*, criado para projectar a imagem de uma América sem racismo. Esse mesmo agente é o autor anónimo de Dresner e mantém cativas na cave da sua casa três pessoas que tortura para que lhe contem as histórias que ele publica. Uma delas é Natasha, a mulher de Gould.

Gould faz corresponder a cada nota e escala uma letra e este seria um bom modo de passar informações a outros agentes. O pianista integra o programa. Porém, o resultado não é o desejado, porque tudo o que toca são cartas de amor a Natasha, excluindo qualquer informação tática relevante.

Enredo

Erik Gould é um pianista americano que vive em Paris com o filho Tristan, que vê sentimentos. Não recuperou do desaparecimento da sua mulher, Natasha: ainda a espera e, quando está fora, liga para casa na esperança que ela lhe atenda o telefone [19-20].

Isaac Dresner, amigo de Gould e sobrevivente do Holocausto [29], tem uma livraria e uma editora cujo objectivo é dar prejuízo [25-26], na qual publica um autor anónimo que, ao contrário do que é habitual, vende bastante. Recebe um livreiro que lhe fala do Museu da Arca de Cartão, que continha caixas de sapatos com os objectos mais importantes da vida de uma criança que sabia que iria morrer, escolhidos pela própria [28]. Na Gare du Nord, Dresner conhece Clementine, uma prostituta que fala latim e que lhe lê o futuro, e repara que estão a ser observados por um homem de chapéu cinzento [33-36].

Erik Gould quer ouvir falar de Natasha todos os dias e quer ouvir os sonhos do filho, na esperança que ele sonhe com a mãe; isso não acontece, mas Tristan deixa-o nessa ilusão. Todas as

manhãs, aponta para um lugar no atlas e diz que, no seu sonho, era aí que a mãe estava [39-41]. Tristan vê uma velha [24] e decide segui-la, mas perde-a e conhece Clementine [53-60]. Conversam e o rapaz promete-lhe que voltará a visitá-la. Ao regressar a casa, volta a ver a velha [69]. Chega à conclusão de que é a sua morte, que passa a acompanhá-lo. Tristan conta com a sua morte para uma chávena de chá e ajuda-a a tomar banho [88-90]. Durante as tardes, encontra-se com Clementine e oferece-lhe bolos [111].

Entretanto, Gould está a ser observado por um agente da CIA, que relata ao seu director tudo o que descobre sobre o pianista. Querem recrutá-lo para o *Jazz Ambassadors*, programa criado pela CIA para passar uma boa imagem dos EUA no resto do mundo. Consiste em levar artistas americanos, especialmente negros, a dar concertos de *jazz* na União Soviética para dar uma imagem tolerante de uma América livre de racismo e, ao mesmo tempo, “converter” jovens de Leste [13-14], usando a cultura como arma. Acreditam que apenas cativarão o pianista pelo amor que este tem a Natasha Zimina [45-51].

Através do relatório que o homem de chapéu cinzento faz ao seu director (*Relatório Gould*), ficamos a saber o passado do pianista: Gould nunca tivera lições de piano. Sentou-se ao piano numa festa da escola e simplesmente tocou *jazz* e *bebop*, estilos associados aos negros [139-141]. Em criança, Erik Gould tivera um amigo negro, Moses Williamson, que lhe disse que gostaria de ter as mesmas oportunidades que ele. Gould esforçara-se então por ser o melhor, porque achava que de nada lhe serviriam as oportunidades se fosse apenas medíocre [155].

Moses queria ser o maior *bluesman* de sempre e, certa noite, depois de se despedir de Erik, adormeceu e morreu num incêndio que deflagrou em sua casa [167-169]. No *Relatório Gould* ficamos também a saber como se conheceram Gould e Natasha Zimina: no final de um concerto, ela pediu-lhe um autógrafo no corpo. Louco por ter encontrado alguém que o entendesse, Gould sentou-se ao piano e improvisou [66-67]. Gould era apaixonado por Natasha, interrompia concertos para ligar para casa e falar com ela, coisa que continuou a fazer depois do seu desaparecimento [77].

Gould leva Tristan a Honfleur, onde pernoitam [74]. Tristan repara no homem de chapéu cinzento e na praia, pai e filho colocam uma carta numa garrafa de cerveja e lançam-na ao mar, com esperança que Natasha a possa ler [81-82].

Gould deixa o filho em casa de Dresner e Tsilia e vai para Londres para dar concertos [114]. Telefona para casa, mas não para Tristan [145]. Tristan repara num folheto sobre o Museu do Sentido da Vida ou o Museu da Arca de Cartão e, quando todos dormem, lê o folheto. Levanta-se, vai à cozinha buscar uma faca e esconde-a debaixo da cama [130-136]. Dresner compra uns sapatos novos a Tristan [146] e, na caixa de sapatos, Tristan guarda em primeiro lugar um desenho que Dresner lhe faz, tentando explicar o universo [152]. Tristan passará a guardar outros objectos importantes na caixa de sapatos [157-159].

O Escritor, o autor anónimo de Dresner, mantém cativos na cave de sua casa três pessoas: um homem de meia idade, uma mulher de trinta e seis anos e uma mulher ruiva. Tortura-os para que lhe contem histórias com valor literário, que publica anonimamente. Depois de arrancar da mulher ruiva a continuação da história que estava a escrever, coloca o chapéu cinzento e sai de casa [176-181]. A mulher ruiva é Natasha Zimina [209]. O Escritor, homem do chapéu cinzento e agente da CIA, raptara Natasha Zimina com o intuito de a usar para que Gould aderisse ao programa *Jazz Ambassadors*, mas agradara-lhe o seu potencial literário, pelo que a manteve presa e sob torturada. Dissera depois ao seu director que Natasha era uma agente infiltrada do KGB e que havia deixado o marido e o filho porque fora chamada de volta à União Soviética [221-225].

Isaac Dresner visita várias vezes um prostíbulo onde conversa com Arlette [185]. Quando Tsilia repara no seu cheiro a álcool e colónia de mulher [189]. Dresner conta-lhe e a Tristan o que o levou ao prostíbulo: haviam sido descobertos fragmentos gnósticos, um evangelho

completo, num edifício turco conhecido como Pensão Tertuliano. O evangelho, chamado o Evangelho das Putas Gnósticas, havia sido escrito nas paredes e no tecto. Nos anos 60, o edifício era um bordel e, durante uma remodelação, foram descobertas as pinturas e os textos. O proprietário achou-os interessantes e manteve-os, mas após Gunnar Helveg tentar tornar o edifício património cultural, o proprietário destruiu tudo o que estava escrito nas paredes.

Gunnar Helveg quis então localizar as prostitutas e entrevistá-las; achava que as mulheres haviam passado tanto tempo a olhar para o tecto e para as paredes durante o seu trabalho que haviam de se lembrar de algo. Com a ajuda de Dresner, Helveg conseguiu localizar quatro mulheres: entrevistou duas delas e as outras duas viviam em Paris - eram Arlette e Clementine [214-218]. Dias mais tarde, Tristan entrega a Dresner o que falta do Evangelho das Putas Gnósticas, que recolhera numa tarde com Clementine [244], e o editor fica comovido.

Gould regressa de Londres e leva Tristan para casa, mas pouco depois, viaja para Belgrado [229]. Diz ao filho que trauteará uma música que ele conseguirá ouvir em Paris e a morte de Tristan afasta-se um pouco [231]. Depois do concerto, no quarto de hotel, Erik Gould encontra o homem do chapéu cinzento, que o persuade a aderir ao *Jazz Ambassadors* [237-240]. Diz-lhe que sabe que muitos dos seus solos são cartas de amor dirigidas a Natasha, nas quais cada nota e modo de tocar representa uma letra; pretendem usar a música de Gould para passar informações a outros agentes. Acena-lhe também com a possibilidade de trazer Natasha de volta para casa [246].

Gould telefona não para casa, mas para casa de Isaac Dresner, para falar com Tristan, e, quando o filho atende, a morte afasta-se mais um pouco [249-251]. Quando regressa de Belgrado, Gould sugere ao filho uma viagem a Honfleur para atirarem uma garrafa ao mar [257]. É Tristan quem escreve a mensagem enviada na garrafa, uma carta ao pai [278-279].

Gould dará concertos na União Soviética, na esperança de comunicar com Natasha. Porém, o seu trabalho não satisfaz a CIA: não há quaisquer informações a inteligir, porque tudo o que o pianista toca são cartas de amor para Natasha. O Escritor acaba por deixar a CIA, mas continua a escrever [265-266].

Arquipélago (2015)

Ano: 2015 (4.^a ed.)

Editor Original: Marcador Editora

N.º Páginas: 460

Género: Romance

Locais: Açores

Argumentos de venda da obra

Características do livro:

- Um romance que retrata a realidade de um dos maiores desastres geológicos portugueses, a erupção e consequente destruição provocada pelo vulcão dos Capelinhos, nos Açores;
- Várias décadas depois da erupção os escombros enterrados têm ainda segredos e crimes por revelar.

Sinopse

José Artur Drumonde muda-se para Terra Chã, nos Açores, com a ideia que este arquipélago é de facto a Atlântida, e pensa explorar essa hipótese na sua tese de doutoramento. Durante as obras em casa do seu avô, descobrem-se os ossos de uma menina sem um braço; José Artur sabe que é Elisabete, sua amiga de infância, filha do chefe da polícia e da sua mulher adúltera, que desaparecera muitos anos antes, e quer descobrir a verdade.

Assiste a um estranho ritual com homens encapuzados que querem sacrificar uma menina e acha que isso explica a morte de Elisabete. De facto, descobre que a menina havia participado num ritual destes, mas fugira e morrera acidentalmente. Fora o seu avô, José Guilherme Drumonde, que presidira ao ritual e, por isso, escondera os ossos da menina. Mas tinham ocorrido outras mortes estranhas em Terra Chã, sempre a 29 de Fevereiro, e José Artur descobre que o culpado era o verdadeiro pai de Elisabete, amante da mãe da menina, que se vingava pela morte da mulher que amava.

Enredo

José Artur Drumonde é um professor universitário que não tem uma boa relação com o filho nem com a mulher e parte para os Açores à procura de um recomeço [56]. Instala-se na Casa dos Potros, de Luísa Beltrão, por quem se apaixona, e da sua filha Maria Rosa, de quem se torna amigo. Conhece também Elias-Mão-de-Ferro, um conhecido do avô de José Artur.

Em obras na casa do seu avô, José Guilherme Drumonde, são descobertos os ossos de uma menina sem um braço [23]. José Artur sabe que são de Elisabete, sua amiga de infância [31]. A menina era filha de Manuel Roque Dutra, subchefe da Polícia, e da sua mulher, Ana Maria Sarralha, que tivera um caso com um motorista, João Rómulo Cristóvam. Os amantes tentaram suicidar-se, mas Cristóvam sobrevivera [48-49]. O subchefe partira com os filhos para a América e Elisabete aparecera em Terra Chã com o tio à procura de abrigo [40], depois do terramoto de 1 de Janeiro de 1980. Pouco depois, a menina desaparece sem deixar rasto [45-46].

José Artur partira para os Açores com uma ideia para a sua tese de doutoramento: a hipótese de os Açores serem de facto a Atlântida. Essa hipótese surgira a partir da leitura do relato de um passageiro do SS Santa Helena, datado do Verão de 1880, sobre a Justiça da Noite, um grupo de dez homens que assustavam os viajantes nocturnos [78-85]. Um local sugere a José Artur que visite a Grotta do Medo [121] e este encontra ali alguns dólmenes. Três semanas antes do Carnaval, assiste nesse local a um ritual executado por duas centenas de homens encapuzados.

No momento em que um dos homens se prepara para matar uma criança, o sacerdote impede-o. O sacerdote é Deodato Silveira-Goulart, o tio do marido de Luísa, entretanto falecido [132]. A criança é libertada e é morto um bezerro [133].

Entretanto, recebe a visita do seu filho André e, apesar de um início algo tenso, a estadia do jovem torna-se prazerosa para ambos [143]: André gosta da pequena Maria Rosa [149] e encoraja o pai a seguir a sua investigação sem se importar com a opinião de outros [191], conselho que José Artur segue [193]. Luísa conta-lhe que está noiva de Pedro Orlando [199-203], filho de Deodato Silveira-Goulart. Desanimado, José Artur encontra um cão e decide ficar com ele, dando-lhe o nome de *Papillon* [212].

José Artur desmascara um homem de gabardine que costumava segui-lo e é Manuel Jácome Sarralha, irmão de Elisabete [308], que lhe conta a sua história desde o momento em que partira com o pai e a irmã, supostamente para a América. Na verdade, foram para São Jorge. Passado algum tempo, o tio fora à ilha e levou Elisabete consigo. O pai ausentou-se uns meses depois para tentar recuperar a menina, mas sem sucesso. Viveu ainda quinze anos [309-313]. Jácome conta a José Artur que procura uma explicação para a morte da mãe.

Uma noite em que Elias Mão-de-Ferro está embriagado [321], José Artur aproveita para lhe perguntar toda a verdade sobre Elisabete e o estranho ritual a que assistira. A história começa nos anos 40, quando Álvaro Augusto Silveira Goulart decide plantar cereais numa parte da sua quinta; conseguiu ter a gratidão dos homens que empregava e ajudar a freguesia. Com a quinta em risco, Álvaro Augusto não teve outra solução senão enviar parte das colheitas para o continente, o que enfureceu os trabalhadores. Em 1953, depois de dois maus anos de colheitas, uns homens encapuzados com lençóis brancos (entre os quais José Guilherme e o próprio Elias) ameaçaram Álvaro Augusto. Deodato, ainda um rapaz, conseguiu fugir de casa, pegar na espingarda do pai e surpreender os homens que o atacavam, a ponto de o enforcar. Perante o disparo de Deodato, os homens fugiram e Álvaro Augusto morreu enforcado [329-334].

Nenhum dos homens da Justiça da Noite havia sido preso ou julgado e decidiram reerguer a quinta, em homenagem ao patrão. Nunca mais a Justiça da Noite se reuniu [336]. Porém, Deodato Silveira-Goulart desejava vingar-se pela morte do pai. Em 1975, Deodato juntara-se à Frente de Libertação dos Açores (FLA), assim como José Guilherme Drumonde [338], e foram presos na sequência da sua actividade política. A FLA dissolveu-se, mas Deodato reunia os homens em sua casa e, no aniversário da sua prisão, começou o ritual da Grota do Medo a que se chamava Abnegação [340]. Elias diz que o ritual durou pouco, mas José Artur não acredita, por causa do que havia testemunhado.

José Artur procura retomar a sua vida quotidiana e reaproxima-se de Maria Rosa, tristonha e sem a sua espontaneidade habitual [353]. Perante a notícia da existência de um obelisco ao largo da ilha Terceira, José Artur sente que os seus esforços de provar que os Açores eram a Atlântida são absurdos e decide demitir-se da universidade [355]. André passa o Natal nos Açores [359] e José Artur decide convidar Luísa para jantar.

José Artur conta a Jácome as suas suspeitas de que Elisabete morrera durante uma Abnegação [375]. Jácome mostra-lhe um pequeno quarto escondido na casa de José Guilherme, construído depois do terramoto. Ambos acham que o que aconteceu a Elisabete tem a ver com esta nova descoberta.

José Artur diz a Elias Mão-de-Ferro que Elisabete está viva [378], mas é apenas um engodo para que o homem lhe conte toda a verdade. Elias decide contar-lha. Em 1980, Deodato quer fazer uma Abnegação e a única menina órfã que serviria era Elisabete. Por essa altura, aparecera na ilha o pai da menina, querendo levá-la para São Jorge. Durante o ritual, Elisabete tenta fugir. Porém, vê-se cercada e salta; fora assim que morrera [387]. Depois disso, José Guilherme

escondera o subchefe Manuel Roque no quartinho escondido e os ossos de Elisabete em sua casa, pois fora ele a chefiar a cerimónia na qual a menina morrerá e sentia-se culpado [398].

Elias conta também a história da morte de Ana Maria Sarralha, a mãe de Elisabete. Quando os populares chegaram a sua casa e se depararam com Sarralha e o seu amante à beira da morte, Aninhas, a mãe de Deodato Silveira-Goulart, ordenou ao filho que tirasse o saco da cabeça de João Rómulo Cristóvam, mas não de Ana Maria Sarralha; o homem sobreviveu, mas a mulher não teve hipótese [395]. Finalmente, Elias conta-lhe que Elisabete não era filha de Manuel Roque, mas de Cristóvam [400]. Pouco tempo depois, Elias morre [407] e Luísa cancela o casamento [410-411].

José Artur relembra as datas das mortes estranhas que se deram na ilha: 29 de Fevereiro, a data em que morrerá Sarralha. Chega à conclusão de que estas mortes foram uma vingança do motorista, Cristóvam, contra todos aqueles que deixaram Sarralha morrer. Se o motorista quiser seguir o padrão, haverá mais uma morte essa noite, visto que é dia 29 de Fevereiro; José Artur pensa que a vítima será Maria Rosa [415-416] e com André, Jácome e *Papillon* tenta encontrar a casa do homem.

João Rómulo Cristóvam, conhecido como O Celta, era curandeiro e José Artur finge sofrer de males de amor como pretexto para que o homem o receba em sua casa [423]. José Artur é drogado e arrastado [428-431] para uma cova. Cristóvam tenta matá-lo, mas José Artur é salvo por uma matilha encabeçada por *Papillon* [438]. Conseguem salvar Maria Rosa e José Artur parte com a menina para o hospital e, já sob cuidados médicos, tem uma paragem cardíaca [445]. Contudo, depois de quatro semanas no hospital, regressa a casa e vive mais 30 anos, ao lado de Luísa [448-450]. Descobre-se então que a Abnegação a que pensava ter assistido era apenas imaginação sua [454], e nunca mais se referiu aos Açores como Atlântida [453].

Sem Coração (2015)

Ano: 2015 (1.^a ed.)

Editor Original: Porto Editora

N.º Páginas: 176

Género: Policial

Locais: Porto

Argumentos de venda da obra

Características do livro:

- A história real do coração de um rei português, guardado em formol numa igreja do Porto e o significado do seu roubo para a vida e história da cidade;
- É possível matar alguém sem deixar qualquer vestígio físico ou tóxico? É o detective Mário França vai descobrir como;
- Retrato do submundo portuense e da sua famosa universidade de carteiristas.

Sinopse

Mário França, detective privado, é contratado para averiguar o desaparecimento do coração de D. Pedro IV e para resolver os assassinatos de Jorge Vinagre, arquitecto e organista, e de Kid Tranquilo, o rei do póquer, filho de Edmundo Vilas.

Durante a investigação, o detective descobre que Kid Tranquilo era afinal filho de Jorge Vinagre, não de Edmundo Vilas. Planeava matar os pais para ficar com a herança, mas Edmundo Vilas descobrira. Mandou então Jorge Vinagre instalar na sua casa câmaras hiperbáricas que pudessem ser controladas remotamente e assim matou o arquitecto e o falso filho, por vingança.

Quanto ao roubo do coração, a polícia acusa DJ Case com provas sólidas, mas o que este roubara, a mando do arcebispo de Montevideu, fora um coração de porco. O verdadeiro coração de D. Pedro IV fora roubada por Narciso Salgado. O seu trisavô havia lutado no cerco do Porto ao lado dos miguelistas e ficara louco e sem as duas pernas e Narciso Salgado roubara o coração para vingar o antepassado.

Enredo

Mário França, detective privado, está na cerimónia de exposição do coração de D. Pedro IV à delegação uruguaio-brasileira na Igreja da Lapa [5], contratado por Jorge Vinagre, arquitecto e organista de serviço na cerimónia. Abre-se a urna e o coração desaparecera; nesse momento, Jorge Vinagre cai morto em cima do órgão [6-7]. Na autópsia, não se descobre a causa da morte [10].

Germano Silva, especialista em História do Porto [13], relata a Mário França a história do coração de D. Pedro IV. Em 1822, D. Pedro fora o representante dos liberais contra os absolutistas e o seu irmão, D. Miguel. De surpresa, D. Pedro ocupa o Porto e segue-se um duro cerco, que vence apesar do número inferior de homens. Em homenagem aos portuenses e ao seu indispensável apoio durante o cerco, D. Pedro doou o seu coração em testamento à cidade [17].

O detective é contactado por Fausto Reboredo, provedor da Irmandade da Lapa, por Gabriel Muñoz, intendente de Montevideu, em representação da delegação uruguaio-brasileira, e por Sofia Almagre, ex-namorada de Jorge Vinagre [21-22]. O primeiro quer contratá-lo para descobrir os culpados do roubo do coração e recuperá-lo [25]; o segundo faz-se acompanhar por dom Fagundo de Bragança, príncipe do Grão-Pará, e de don Fructuoso de la Cruz, arcebispo de Montevideu, e querem que Mário França os libere do roubo [26]; Sofia Almagre mostra-lhe uma

sms de Jorge Vinagre onde este dizia que achava que tinha sido envenenado e que se algo lhe acontecesse, deveria procurar Mário França [27].

O inspector Constantino Consciência informa-o da morte de Hélio Vilas, ou Kid Tranquilo, o rei do Póquer, filho de Edmundo Vilas, o rei da cortiça, e da sua mulher, Lola, uma suposta amante de Jorge Vinagre [54]. O resultado da autópsia é igual ao de Jorge Vinagre [56].

Através do seu bando de desajustados - Quim Comandos, Dedos, Cotos, Kit Cobra, Bilinho Muletas, Tony the Painter e Elastic Man [29-34]-, Mário França fica a saber que as duas mortes foram causadas sem que qualquer indício suspeito fosse detectado, que Jorge Vinagre fora o autor do projecto da casa de Edmundo Vilas, e que, na manhã da sua morte, Kid Tranquilo tinha estado com a namorada, Vera Sparkling, filha de milionários [72-74].

Em Santiago de Compostela, o detective encontra-se com o professor Carlos Q., que lhe fala de *memorabilia corporea*, a última moda do tráfico. Havia muito interesse e uma enorme rede montada em torno das partes do corpo de alguém famoso. Consta que o coração de D. Pedro valerá muitíssimo, pois é único. Carlos Q. dá a Mário França um contacto: Lamberto Dante, o maior comerciante de *memorabilia corporea* do mundo [77-81].

Durante a investigação, Mário França vai à Herdade dos Montados, a casa de Edmundo Vilas, ocasião na qual Bilinho Muletas consegue retirar informação do telemóvel de Kid Tranquilo [87]. Vera Sparkling diz-lhe que Kid Tranquilo andava nervoso porque perdera muito dinheiro [105]. O detective vai a casa de Narciso Salgado, conde do Amial, um homem em que tudo é falso: o título é comprado, o curso de que se gaba nem sequer fora concluído e a sua pretensão a um mundo da alta sociedade é notória [108-113]. O detective conhece ainda Gervásio Torres, ex-amante de Otilia Reboredo, substituído nessa função e como organista por Jorge Vinagre. Era também obcecado pela figura de D. Pedro IV, guardando secretamente alguns objectos e documentos do rei ou relacionados com o cerco do Porto [116].

O inspector vai até Montevideu, ao escritório de Lamberto Dante [125], vazio e sem qualquer sinal de actividade. Na livraria Más Puro Verso, é surpreendido por Carlos Q., que estava em Montevideu a propósito de uma palestra [126].

Mário França tem a certeza que Kid Tranquilo e Jorge Vinagre foram assassinados pela mesma pessoa, apesar não ter qualquer ideia sobre quem o possa ter feito ou como [130]. E estaria o roubo do coração de D. Pedro IV relacionado com as duas mortes ou seria apenas uma coincidência?

Flávia, o seu contacto na Polícia Científica, dá-lhe acesso aos relatórios das autópsias [137] e Elastic Man traz-lhe as carteiras de Fausto Reboredo, Narciso Salgado, Gervásio Torres, Rogério Falcão, Edmundo Vilas e DJ Case [140], que roubara e que devolveria sem que os proprietários se dessem conta.

O inspector Constantino Consciência prepara-se para a detenção de Lamberto Dante, a partir de uma denúncia anónima: a polícia espera que o homem se reúna com a delegação uruguaio-brasileira e que traga consigo o coração de D. Pedro IV. Porém, tudo se revela um engodo: o homem capturado é na verdade Carlos Q., cujo livro *Memorabilia Corporea* seria apresentado essa mesma tarde na Livraria Lello por Gabriel Muñoz. Lamberto Dante era o seu pseudónimo [143-147].

Mário França recebe um telefonema do inspector Constantino Consciência a dizer-lhe para estar presente na Cadeia da Relação às 15 horas, para a revelação do culpado [158]. O detective diz a Quim Comandos para lá estar, armado e preparado. A convite da Polícia, estão presentes todos os interessados e suspeitos no caso [162]. O inspector acusa DJ Case do roubo do coração, que fora encontrado no Inferninho, o seu bar, acusa Vera Sparkling da morte de Kid Tranquilo e declara que Jorge Vinagre morreu de causas naturais, não estando relacionado com os outros

crimes. Questionado pela imprensa, Mário França começa a apresentar as conclusões a que chegou. [164]

Kid Tranquilo era afinal filho de Lola Vilas e de Jorge Vinagre, não de Edmundo Vilas. Planeava matar os pais para ficar com a herança e pagar as dívidas que acumulara. Descuidado, apontara o plano no telemóvel e Edmundo Vilas descobrira. Em segredo, este mandara Jorge Vinagre equipar a sua casa com câmaras hiperbáricas que podia controlar remotamente. Quando Kid Tranquilo estava em casa, programara a câmara hiperbárica para uma alta pressão, sem patamares de descompressão, o que causaria uma massiva embolia gasosa, indetectável numa autópsia normal. Matara Jorge Vinagre do mesmo modo, vingando-se da traição da mulher; era necessário que este morresse antes de Kid Tranquilo porque poderia suspeitar das câmaras hiperbáricas e porque se o filho fosse o primeiro a morrer, ele faria parte da lista de suspeitos [165-167]. Edmundo Vilas aponta uma arma à cabeça da mulher, mas é rapidamente neutralizado por Quim Comandos, que, desde o topo da Torre dos Clérigos, consegue disparar sobre a sua mão [168].

Mário França sugere ao inspector Consciência que mande analisar o coração encontrado no Inferninho: o resultado demonstrará que é um coração de porco. De facto, DJ Case fora contratado para roubar o coração por don Fagundo de Orleães e Bragança, mas alguém se adiantara, substituindo-o por um coração de porco. Fora Narciso Salgado, conde do Amial, por vingança: o seu trisavô, o capitão Agostinho Salgado, combatera ao lado dos miguelistas durante o cerco do Porto e, devido a um ataque comandado por D. Pedro IV, ficara louco e sem as duas pernas.

Narciso Salgado comprara o título e a propriedade ao descendente do comandante miguelista no cerco do Porto, o visconde de Santa Marta (conde do Amial era um título falso), e deslocava-se frequentemente ao cemitério do Prado do Repouso, onde deixara o coração, no mausoléu do seu trisavô, juntamente com um diário que dava conta dos seus planos. O detective soubera disto porque os seus homens vigiavam todos os suspeitos do caso e ele próprio visitara o mausoléu, horas antes. Mário França devolve então à cidade do Porto o verdadeiro coração dentro da urna [169-172].

Anexo 6 – Exemplo de ficha de convidado

Tinto no Branco - Festival Literário de Viseu

Viseu

2 a 4 Dezembro 2016

Álvaro Laborinho Lúcio

PROGRAMAÇÃO	Entrevista de vida
Apresentação	Laborinho Lúcio é uma referência na sociedade portuguesa. Pelo percurso profissional, pela erudição, pela pelo grande leitor que é, aventurando-se no romance e no conto. No Tinto no Branco o autor, e ex-ministro, vem falar sobre o seu percurso, as suas obras, os diferentes modos de escrita e como a Justiça é tratada na literatura. Haverá poucos tribunais na literatura porque os autores se substituem ao juiz. O Autor ex-machina rejeita a máquina da justiça, porquê? Moderação: Tito Couto
2016-12-03	18.30 Capela do Solar

Alojamento	Check in	check out	tipologia	N.º noites	Observações
Hotel	2016/12/03	2016/12/04		1	

VIAGENS	Data	Meio	Hora Partida	Local Partida	Local Chegada	Hora Chegada
Viagem Partida	2016/12/03	Carro			Hotel Grão Vasco	Durante a tarde
Viagem Regresso	2016/12/04	Carro				

ALIMENTAÇÃO	Refeição	Data	Hora	Menu
Hotel Grão Vasco	Jantar	2016/12/03	20.00	Prato de carne ou peixe à escolha.

NOTAS E OBSERVAÇÕES

- » Em caso de existência de restrição alimentar (vegetariano, alergias, etc) pedimos que nos avise atempadamente.
- » Transfers entre a estação e hotel serão assegurados pela organização durante a iniciativa.

CONTACTOS GERAIS

Solar do Dão	Hotel Restaurante Grão Vasco
R. Aristides Sousa Mendes; 3501-908 Viseu	R. Gaspar Barreiros; 3510-032 Viseu
Tel.: 232 410 060	Tel.: 232 423 511
Hospital de São Teotónio	Bombeiros Municipais de Viseu
Av. Rei Dom Duarte; 3504-509 Viseu	Praça Dom João I; 3510-076 Viseu
Tel.: 232 420 500	Tel.: 232 423 822
Táxis	
Tel.: 232 425 444	

CONTACTOS STAFF (+351)

Diogo Coelho: XXXXXXXXXX // Luis Coimbra: XXXXXXXXXX // André Abreu // XXXXXXXXXX

Anexo 7 – Template de orçamento de visitas de autores

Proposta de visita do autor Afonso Cruz

BOOKOFFICE  A agência de serviços para autores

Data	Hora	N.º participantes	Duração
Local de realização		Localidade	
Endereço			
Dados do cliente			
Responsável de projeto			
Email			
Contacto telefónico			
Dados de faturação			
Designação			
NIF/NIPC			
Morada			
Responsável para envio			
Morada para envio			
Orçamento			
Sessão			
Transporte			
Alimentação			
Alojamento			
IVA			
Total			
Dados para pagamento			
Banco	Conta	NIB	BIC SWIFT
XXX	XXXXXXXXXXXXXX	XXXXXXXXXXXXXXXXXX	XXXXXXXX
IBAN	XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX		
Pagamento a 30 dias após a emissão da fatura. Esta proposta tem a validade de 45 dias.			
Notas			

Maratonas de Leitura - Consultores Editoriais, Unip., Lda. | Travessa das Pedras Negras | n.º1, 3.º Direito | 1100-404 Lisboa

NIPC – 509 811 825 | (+351) 213 461 266 | autores@booktailors.com